



UC/FPCE_2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Vinculação Adulta e Investimento Parental

Ana Teresa Jorge Amaro
(e-mail: anateresa.amaro@gmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, sob a orientação do Professor Doutor Rui Paixão

Vinculação Adulta e Investimento Parental

Resumo: O presente estudo tem como objetivo compreender as relações entre a vinculação adulta e o investimento materno no filho até um ano de idade, tendo em conta a possível mediação da variável confiança materna e relação com o cônjuge/companheiro. Foram objeto de estudo 105 mulheres com filhos até um ano de idade. Os resultados evidenciam algumas relações significativas, nomeadamente traços ansiosos do padrão de vinculação estão positivamente relacionados com o prazer que a mãe tem na relação com o seu filho, um maior conhecimento das necessidades do bebé correlaciona-se positivamente com um maior investimento socioemocional na criança e a ansiedade na gestão de relações de intimidade correlaciona-se de forma positiva com uma relação conjugal baseada na validação pessoal.

Palavras-chave: Vinculação Adulta; Investimento Parental; Confiança Materna; Relação Íntima.

Adult Attachment and Socioemotional Investment in the child

Abstract: The purpose of this investigation is to verify the relationship among adult attachment and maternal socio emotional investment in the child up to a year of age, considering the potential mediation by maternal confidence and the relationship with the spouse/partner. 105 women with children up to 1 year of age participated in the survey. The results show a significant correlation between some of the variables, namely anxious traits from the attachment patterns are positively associated with the delight the mother feels in the relationship with her child, having better knowledge of the baby's needs is positively associated with a bigger socioemotional investment in the child, and feeling anxious when managing intimate relationships is also correlated with a marital relationship based on personal validation.

Key-words: Adult Attachment; Socioemotional Investment; Maternal Confidence; Intimate Relationship.

Agradecimentos

Aos meus pais, por acreditarem e pedirem sempre mais de mim.

À minha Kika, infinitamente presente.

À Lina, pelo incentivo e chamadas de volta à realidade.

À Sara, à Patty, ao Zé, à Andreia, à Maria Inês e ao Luis, por tudo o que consigo e, também, o que não consigo dizer.

Ao estimado Professor Rui Paixão, pela orientação deste trabalho, mas principalmente por me Ensinar o poder do Eu, do Outro e do Nós. Bem-haja.

Às queridas Doutoradas Rita e Cristina pela melhor introdução ao mundo clínico que alguma vez poderia ter imaginado usufruir. Uma preciosa pérola em Coimbra.

À Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação: aos grandes Professores que desde o primeiro ano trago no meu pensamento racional e/ou recantos mais emocionais e a todos os funcionários que me fizeram sempre sentir verdadeiramente acarinhada.

A todas as pessoas que, apesar de não fazerem parte do meu percurso em Psicologia, fizeram parte da minha vida académica e associativa nesta minha cidade e que muito me fizeram crescer.

Índice

Introdução	5
I – Enquadramento conceptual	5
1. Vinculação	5
2. Investimento Parental	8
3. Confiança Parental	10
4. Relação Íntima	12
5. Interação entre a Vinculação e os mediadores emocionais	14
5.1. Investimento Parental	14
5.2. Confiança Parental	14
5.3. Relação Íntima	15
II – Objectivos.....	15
III – Metodologia.....	15
1. Caracterização da amostra.....	15
2. Procedimento de recolha de dados	16
3. Medidas das Variáveis	17
3.1. Medida da Vinculação	17
3.1.1. Escala de Vinculação do Adulto (EVA)	17
3.2. Medida do Investimento Parental.....	17
3.2.1. Escala do Investimento Parental na Criança (EIPC).....	17
3.3. Medidas das Variáveis Mediadoras	18
3.3.1. Questionário de Confiança Parental (QCP).....	18
3.3.2. <i>Personal Assessment of Intimacy in Relationships</i> (PAIR)	18
4. Procedimentos estatísticos	18
IV – Apresentação e Discussão de Resultados.....	19
1. Estudo 1 – Propriedades Psicométricas dos Instrumentos	19
1.1. Escala de Vinculação Adulta (EVA)	19
1.2. Escala de Investimento Parental na Criança (EIPC)	19
1.3. <i>Personal Assessment of Intimacy in Relationships</i> (PAIR).....	20
1.4. Questionário de Confiança Parental (QCP)	21
2. Estudo 2 - Relação entre EVA e EIPC; e mediação de PAIR e QCP	21
Conclusões.....	28
Bibliografia	30
Anexos.....	35

Introdução

A Teoria da Vinculação, inicialmente proposta por Bowlby (1958,1969/192) é uma conceptualização que tem vindo a ser utilizada para compreender diversos aspetos do funcionamento psíquico humano. Considera-se que os padrões de vinculação desenvolvidos durante a infância estão relacionados com a qualidade da relação mãe-filho e podem prever a resiliência e o bem-estar no futuro (Caron, Lafontaine, Bureau, Levesque, Johnson, 2012). O presente trabalho centra-se no estudo dos fenómenos de vinculação da própria mulher no investimento parental feito na criança, nomeadamente no prazer da relação, no conhecimento que a mãe tem sobre as necessidades do seu filho e também na aceitação do papel de mãe. Serão consideradas também a Confiança Materna e a Relação Íntima com o companheiro ou cônjuge, ainda que não seja pai da criança da relação em estudo.

Este trabalho encontra-se estruturado em 5 partes distintas. No Enquadramento Conceptual (Secção I) desenvolvem-se as temáticas relacionadas com a presente investigação. Neste sentido, inicia-se este enquadramento com uma breve explicação da Teoria da Vinculação, já que se torna importante conhecer a etologia e características dos estilos de vinculação para que a sua relação com o investimento socioemocional no seu filho possa ser compreendido. Aborda-se, depois, o tipo de investimento socioemocional que é feito na criança pelos pais, na generalidade, e pelas mães, de modo mais específico, tendo em consideração a relação entre o investimento parental feito pelos pais e aquele que terá sido feito nestes, enquanto crianças. De seguida é feita uma explanação do conceito de confiança parental e também da confiança materna, de modo mais específico. Finalmente, o trabalho debruça-se sobre a necessidade do ser humano estabelecer relações íntimas duradouras e sobre de que forma essas relações o influenciam, a fim de compreender o efeito mediador que estas dimensões poderão ter na relação entre a vinculação e investimento feito nos filhos. Na segunda secção deste trabalho explicitam-se os objetivos deste estudo. Segue-se a Metodologia (secção III) onde é descrito o desenho do estudo, a amostra e os procedimentos de recolha dos dados, realizando-se igualmente uma breve descrição dos instrumentos de avaliação utilizados, das medidas das variáveis e dos procedimentos estatísticos. Na secção IV são apresentados os resultados obtidos pela investigação estatística, comparando a informação recolhida da literatura com os resultados obtidos no estudo, a fim de concretizar os objetivos propostos. Finalmente, nas Conclusões são evidenciados os aspectos mais importantes deste estudo e feita uma reflexão final das particularidades e especificidades deste estudo, enunciando-se algumas das suas limitações e sugestões metodológicas para o futuro.

I – Enquadramento conceptual

1. Vinculação

A Teoria da Vinculação, desenvolvida a partir de meados do século XX por John Bowlby (1958; 1969/1982; 1980), baseia-se em dados de áreas como a psicanálise, a etologia e as ciências cognitivas. O autor dá uma noção da

continuidade e congruência do comportamento de vinculação ao longo do ciclo de vida. Bowlby foi pioneiro ao propor que a criança tem uma necessidade primária de criar um laço afetivo com o cuidador, independente da gratificação das necessidades de alimentação, demonstrando um conjunto de comportamentos inatos que têm como objetivo a criação dessa ligação, o chamado sistema de comportamentos de vinculação. Este conceito, adaptado da etologia, é utilizado para descrever um sistema de comportamento específico de uma espécie fundamental à sua capacidade de reprodução e manutenção (Bowlby, 1982). É a partir da relação com a figura de vinculação que a criança começa e estruturar a sua vida psíquica, organizando representações mentais, modelos internos dinâmicos (originalmente *internal working models*) que contêm dois aspetos recíprocos: um modelo interno de si e um modelo interno do outro; construídos com base nas experiências com o cuidador primário (não sendo necessariamente a mãe biológica). Deste modo, a criança cria concepções sobre o seu próprio valor e sobre a disponibilidade da figura de vinculação em situações de ameaça ou fragilidade (Miljkovitch, 2002). As experiências relacionais precoces com os cuidadores primários levam, então, ao desenvolvimento de modelos internos dinâmicos da própria criança e de outros que, ao serem incorporados na sua organização psicológica, influenciam a qualidade das relações que desenvolverá no futuro com outras pessoas significativas e a sua adaptação ao seu futuro papel parental e cuidados parentais que irá prestar ao seu próprio filho (Gameiro, Martinho, & Canavarro, 2008).

A sensibilidade, a responsividade¹ e a consistência (Ainsworth et al., 1978) são aspetos determinantes do cuidador para o desenvolvimento do padrão de vinculação, i.e., as estratégias que a criança utiliza de forma a gerir a ansiedade causada pela separação e a reunião (Cicchetti et al., 1995, citado em Canavarro, 1999). Um prestador de cuidados com sensibilidade é aquele cujas respostas à criança são contingentes e apropriadas, isto é, respostas rápidas, consistentes e dependentes do tipo de comportamentos da criança (Pires, 1990). Para Belsky (1984) uma resposta é adequada se tiver em conta a necessidade da criança, a sua solicitação e o seu nível de desenvolvimento.

Um padrão de vinculação seguro indica a perceção de si mesmo como merecedor e digno dos cuidados do outro, combinado com as expectativas de que os outros estão acessíveis, disponíveis e que respondem de forma adequada às suas necessidades (Canavarro, 1999). A criança utiliza representações mentais que advêm das relações precoces como guias heurísticos para interações futuras e construirá uma representação interna do cuidador enquanto caloroso e responsivo e de ela própria enquanto merecedora de amor e apoio (Bradley, Whiteside-Mansell, & Brisby, 1997). Estas representações permitem prever e interpretar o comportamento dos outros. Embora estes modelos sejam relativamente estáveis, é possível que sejam reformulados ao longo da vida, na sequência de relações reparadoras, ou de experiências traumáticas, como perdas de pessoas significativas. Ao longo do desenvolvimento estes modelos tornam-se cada vez mais complexos,

¹ Responsividade é o termo da língua portuguesa que nos parece mais próximo do conceito inglês original *responsiveness* e significa a capacidade da figura de vinculação dar resposta às necessidades da criança.

evoluindo de um nível sensório-motor para um nível mais elaborado, tornando-se mentalmente manipuláveis, representacionais, e permitindo não só previsões a curto prazo como uma reflexão sobre as relações atuais, passadas e futuras através da simulação interna (Bowlby, 1982). Surgiu assim a expressão *modelo operante interno* (Miljkovitch, 2002).

Um dos conceitos essenciais da teoria de vinculação é a noção de base de segurança (*secure base*), que surge nos trabalhos de Ainsworth (1978). A autora utiliza esta designação para se referir à confiança que a criança tem na ideia de que uma figura de apoio, protetora, estará acessível e disponível. A proximidade física, necessária no início da vida, torna-se progressivamente um conceito mentalizado e emocional, que se associa ao conceito de acessibilidade da figura de vinculação, uma figura em direção à qual a criança dirige o seu comportamento de vinculação. Ao crescer, a criança interioriza progressivamente o papel protetor da figura de vinculação e liberta-se da situação de dependência dos primeiros meses (Guedeney, 2002). Deixa de necessitar da presença física do outro para se acalmar e lidar com as suas emoções, assumindo o seu aparelho psíquico a função reguladora das tensões internas. A criança pode, assim, afastar-se do mundo externo, físico, para gerar o seu mundo interno. Este é o processo a que Mahler (1975) se refere como separação-individuação. Segundo a autora este processo implica a aquisição pela criança de um funcionamento autónomo na presença da mãe, com a sua disponibilidade emocional. Se a interiorização da realidade física, de uma relação segura, não é possível, o indivíduo terá de continuar a procurar no exterior o que não conseguiu construir interiormente. As diferenças individuais na segurança da vinculação relacionam-se com a forma como as emoções são respondidas, partilhadas, comunicadas e reguladas, dentro da relação de vinculação (Bowlby, 1982; Cassidy, 1999). Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) operacionalizaram o modelo de Bowlby no paradigma da situação estranha, o que lhes permitirá estudar as diferenças individuais na vinculação. Dos seus trabalhos resulta a classificação dos padrões de vinculação em quatro tipos, com base na reação das crianças à separação e à posterior reunião: inseguro-evitante, no qual existe exploração independente da mãe combinado com o evitamento ativo da mãe após a reunião, apesar de não se evitar o estranho; seguro, no qual a mãe é uma base de segurança para explorar o ambiente circundante e existe uma procura ativa de contacto e interação após a reunião; e o inseguro-ansioso, no qual se exhibe um comportamento exploratório pobre e dificuldades em reestabelecer o contacto após a reunião. Adicionalmente, foi identificado um padrão de vinculação desorganizado (Main & Solomon, 1990) no qual não existe qualquer tipo de estratégia coerentemente organizada para lidar com a ansiedade induzida pela separação da mãe, nem com a posterior reunião.

O padrão de vinculação da criança revela estar ligado à história de desenvolvimento pessoal e às atitudes e expectativas que o cuidador recebe desse percurso (Bradley et al., 1997). Estudos demonstram que a dinâmica experienciada com um cuidador significativo numa geração tem grande probabilidade de ser replicada na geração seguinte (Stroufe & Fleeson, 1988, citado em Kretchmar & Jacobvitz, 2002; Bowlby, 1982). As mães com recordações de maior suporte emocional por parte das suas mães estabelecem uma melhor ligação afetiva com o

seu bebê, mesmo antes do parto (Siddiqui, Hägglöf, & Eisenmann, 2000). Mães que se recordam de ser aceites pelas suas próprias mães enquanto crianças mostram-se mais sensíveis e menos intrusivas com os seus filhos de nove meses (Kretchmar & Jacobvitz, 2002). O mesmo estudo revela que mães atualmente envolvidas numa relação emaranhada com a sua própria mãe e que se recordam de pouca incitação de autonomia, tendem a ter filhos classificáveis como resistentes.

2. Investimento Parental

Atualmente, devido aos progressos da puericultura, diminuição da natalidade e da mortalidade infantil, parece existir uma premissa implacável de que todos os bebés devem viver e que todas as mães são obrigadas a amá-los incondicionalmente (Soulé, 1987). De acordo com este autor, quando algumas mulheres não conseguem demonstrar esta atitude ou o fazem de forma exteriorizada apenas, é o sinal de que as vemos a agir de forma inadequada em relação a esta regra moral da sociedade. Da parentalidade ideal à parentalidade possível, vai uma distância que por vezes se torna grande demais para ser ignorada. Compreender a mãe afigura-se essencial se quisermos contribuir para o encurtar dessa distância.

A investigação tem-se focado, cada vez mais, no lado adulto da relação de vinculação com a criança (Bradley et al., 1997). Como já foi referido, uma das primeiras tarefas desenvolvimentais da criança consiste no estabelecimento de laços afetivos com o cuidador. Apesar de a criança participar ativamente neste processo de construção de uma relação com o adulto, as contribuições de ambos são diferentes, estando a criança dependente dos comportamentos da sua figura cuidadora, nomeadamente no que se refere à sua sensibilidade e responsividade (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). Estes sistemas são complementares na medida em que se articulam num mesmo panorama e com dois sujeitos, um adulto prestador de cuidados e uma criança que os recebe, normalmente unidos por filiação (Gameiro et al., 2008). Para Bradley et al. (1997) os comportamentos do adulto em relação à criança servem um intuito de proteção e de afiliação, estando relacionados a um sentido de identidade e de realização dos pais. Assim, as crianças constroem um modelo de funcionamento das suas relações com os seus cuidadores baseadas nas interações efetuadas com os mesmos durante um longo período de tempo (Bradley et al., 1997).

A maior ou menor sensibilidade e responsividade do comportamento parental (Pires, 1990) e os fatores que o determinam foi um tema amplamente investigado por Belsky (1984) que construiu um modelo com os seguintes pressupostos: 1) A parentalidade é multiplamente determinada pelas características do progenitor, da criança e dos subsistemas contextuais de apoio social; 2) estes três determinantes não influenciam o comportamento parental do mesmo modo, nomeadamente na forma como o apoiam ou prejudicam; 3) a história de desenvolvimento e a personalidade dos pais modelam indiretamente o comportamento parental, influenciando em primeiro lugar o contexto mais alargado no qual a relação pais-filhos existe. Teríamos assim influências diretas e indiretas. A personalidade da mãe influencia a sua relação conjugal e a sua experiência de

trabalho e, por sua vez, estes dois fatores exercem influência sobre o comportamento dos pais.

Investir emocionalmente num filho é algo que se inicia muito antes da gestação ou do parto. O desejo de ter um filho, e as fantasias nascidas desse desejo, podem ser percebidas como a pré-história do *bonding* (Brazelton & Cramer, 1993), sendo no desenvolvimento e na articulação dessas mesmas fantasias que se inscreve um largo potencial responsivo da gestante e futura mãe.

O investimento parental, numa perspetiva sociobiológica, é o que é feito quando os pais direcionam os seus recursos para os filhos, não garantindo apenas o seu sucesso reprodutivo mas também o acesso a meios que permitam que desempenhem, posteriormente, as suas próprias funções parentais. A preocupação com a continuação da herança genética é uma característica transversal a todas as espécies (Fox & Bruce, 2001). A psicologia do desenvolvimento dá ênfase à forma como o cuidador se compromete na sua função pai/mãe, de forma a oferecer condições para que haja um desenvolvimento ótimo na criança (Greenberg & Goldberg, 1989).

A qualidade do investimento parental é observável na alegria e prazer que o cuidador sente nas suas interações com a criança, incluindo o desejo de estar com ela, expressões de afeto, sensibilidade às necessidades da criança e responsividade às mesmas necessidades. Inclui também o grau com que os pais se preocupam com o bem-estar da criança, a aceitação da criança e do papel parental, e escolhas consistentes na forma de agir tendo em conta os interesses da criança (Bradley et al., 1997). O mesmo estudo indica que é provável que o investimento parental nas crianças molde não só os sentimentos que os pais têm sobre as suas capacidades de cuidadores, mas também o próprio processo de *caregiving*.

A forma com os pais da criança se preocupam com ela demonstra não só o seu investimento socioemocional nela, mas também revela características da personalidade dos cuidadores bem como os seus próprios estilos de vinculação (Main & Goldwyn, 1984, citado em Bradley et al., 1997). As habilitações literárias da mãe e a recordação de superproteção materna são fatores preditores do investimento parental na criança, já que influenciam o conhecimento e a sensibilidade da mãe em relação às necessidades do seu filho (Gameiro et al., 2008).

O modo como os pais investem na criança está também relacionado com a estrutura da família (se está intacta ou não) e com a presença de pais ou filhos não-biológicos, já que as famílias adotivas têm menor capacidade de promoção da mobilidade ocupacional das crianças (Hopcroft, 2005).

As atitudes e os comportamentos parentais são o que determina o nível de investimento socioemocional que é feito na criança. Pais com atitudes positivas relativas à prestação de cuidados à criança e que estão mais confortáveis com as responsabilidades, restrições e compromissos associados ao papel parental estão mais envolvidos com os seus filhos (Knauth, 2001). Deste modo, pais com um nível mais elevado de investimento socioemocional nos filhos exibem comportamentos de estimulação, de apoio e maior envolvimento (Bradley et al., 1997). Os mesmos autores (1997) defendem que o investimento parental está relacionado com a história de vinculação dos pais. Em situações de maior

ansiedade, ou quando os recursos são escassos, os pais tendem a fazer um investimento mais reduzido nos seus filhos e, por isso, eles podem crescer num ambiente de maior privação emocional onde a probabilidade de se desenvolverem relações de vinculação inseguras é maior; por sua vez estes poderão fazer um investimento limitado nos seus próprios descendentes (Belsky, 1997). Por outro lado, pais que fazem um maior investimento no seu filho também lhe proporcionam cuidados mais sensíveis, aumentando a probabilidade da criança desenvolver um estilo de vinculação seguro, o que significa, por sua vez, uma maior probabilidade de desenvolver relações positivas com os pais e outras pessoas significativas e mesmo com os seus próprios descendentes (Gameiro et al., 2008). Surgem, assim, padrões de comportamentos parentais transgeracionais que apenas se modificam com a alteração do contexto em que o indivíduo se insere (Belsky, 1984), já que os pais cuidam os seus filhos com base na sua própria experiência de cuidados (Kretchmar & Jacobvitz, 2002).

A alegria que um progenitor sente com o seu filho representa uma emoção muito primária, mas essa não está diretamente relacionada com a aceitação que o cuidador sente pelo filho e pelo seu papel de pai. Tampouco está relacionada com a sensibilidade que o cuidador tem, ou não, às necessidades da criança (Bradley et al., 1997).

Os comportamentos parentais (Rutter, 1989) referem-se a tarefas relacionadas com os cuidados à criança, que incluem propiciar um ambiente adequado ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, responder aos momentos de desconforto da criança, às interações sociais, a pedidos e a comportamentos disruptivos, bem como resolver conflitos e dificuldades interpessoais. De acordo com o mesmo autor, o *parenting* requer algumas capacidades que se refletem na sensibilidade para as deixas da criança e na responsividade para as diferentes necessidades em diferentes momentos do seu desenvolvimento. As tarefas como alimentar, lavar e pôr o bebé a dormir não devem ser consideradas em termos do desenvolvimento da criança, já que a sua execução de forma mecânica e rotineira não proporciona um desenvolvimento equilibrado (Pires, 1990). É a maior ou menor sensibilidade e a maior ou menor responsividade que influenciam o seu desenvolvimento (Cicchetti et al., 1995, citado em Canavarro, 1999).

3. Confiança Parental

O desenvolvimento do feto, durante a gravidez, é a maturação biológica que permite aos pais a passagem por uma fase paralela de maturação e preparação para a paternidade, influenciando a confiança parental (Spielman & Taubman-Ben-Ari, 2009). São também utilizados outros conceitos, incluindo autoeficácia parental percebida ou sentimento de competência. Apesar destes termos serem operacionalizados diversamente em cada estudo, todos dizem respeito aos sentimentos de competência parentais no papel de cuidador (Renee, Barnett, & Matthey, 2010).

A confiança parental pode ser definida como “o conjunto de crenças ou julgamentos que um pai faz das suas capacidades para organizar e executar um

conjunto de tarefas ligadas à educação do filho” (Montigny & Lacharité, 2005, p. 390, citado em r n ec et al., 2010). Consiste em dois aspetos principais: conhecimento de comportamentos específicos de cuidadores e o nível de confiança dos mesmos relativamente à sua capacidade de desenvolver tarefas parentais (Spielman & Taubman-Ben-Ari, 2009). A perceção da confiança parental representa um elemento-chave da experiência subjetiva dos pais e é um fator de proteção e de resiliência. Níveis de confiança parental elevada funcionam como amortecedores de fatores negativos como a depressão, ansiedade exacerbada e dificuldades nas relações afetivas (r n ec et al., 2010).

A confiança materna tem sido relacionada com a autoestima da mãe, a sua saúde mental, a adaptação à parentalidade e à perceção das características da criança (Conrad, Gross, Fogg, & Ruchala, 1992). O autoconceito é relevante na modelagem do indivíduo, sendo portanto relacionável com o estilo de vinculação. A confiança materna designa a avaliação que a mulher faz sobre a sua capacidade para prestar cuidados e compreender o seu bebé e é importante para que haja uma adaptação saudável ao papel de mãe (Zahr, 1993, citado em Nazaré, Fonseca & Canavarro, 2011). A investigação destes constructos demonstra que pais com um estilo de vinculação seguro sentem maior competência parental (Volling, Notaro, & Larsen, 1998) e que mães com o mesmo estilo de vinculação mostram níveis mais acentuados de sensibilidade às necessidades dos seus filhos (Ward & Carlson, 1995, citado em Spielman & Taubman-Ben-Ari, 2009).

A evolução da investigação comportamental, de acordo com a Teoria da Autoeficácia de Bandura (2002), tem demonstrado que a confiança materna é necessária, mas não autossuficiente no sucesso das tarefas e na interação com o bebé. As mães devem também ter conhecimento acerca do desenvolvimento da criança e das competências necessárias ao cuidador. De acordo com Conrad et al. (1992) as mães com mais conhecimentos nos dois campos mencionados relatam um maior sentimento de confiança nas suas capacidades de cuidar dos filhos. No entanto, neste estudo, o conhecimento acerca do desenvolvimento infantil e a confiança materna não mostraram relações significativas com a qualidade das interações mãe-filho. Um dos resultados desta investigação levou à definição do conceito de “confiança naïve” para descrever mães que têm bons níveis de confiança mas poucos conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, i. e., estão pouco cientes da complexidade do papel parental (Davis, 1989, citado em Conrad et al., 1992). Por este motivo as referidas mães podem representar um grupo de risco de cuidados parentais mal adaptativos (Conrad et al., 1992). A falta de confiança materna pode afetar, de forma negativa, a interação mãe-bebé e a capacidade das mães cuidarem dos seus filhos (Nazaré et al., 2011).

Mães em estado depressivo têm menor perceção das necessidades da criança (incluindo se esta está doente ou não) e menor capacidade de resposta a essas necessidades. Além disso, a probabilidade de comprometerem o seu filho com uma alimentação ou ciclos de sono saudáveis, de se empenharem em rotinas de amamentação e de proporcionarem estimulação ao seu filho é diminuta (Surkan et al., 2008). A mesma investigação expõe a influência que os comportamentos da cuidadora podem ter no crescimento dos seus bebés, numa fase precoce.

Consistentemente, Olafsen et al. (2007) aconselham a que a avaliação desta

variável aconteça logo no período neonatal, pois consideram que a existência de baixos níveis de confiança parental pode traduzir uma vulnerabilidade, devendo esta ser rapidamente colmatada.

4. Relação Íntima

O estabelecimento e a manutenção de ligações íntimas desempenha um papel fundamental na vida do ser humano e influencia positivamente a sua saúde (Cohen & Syme, 1985; Myers, 1999; Reis, 2006). É através de relações interpessoais que o ser humano pode experienciar os sentimentos de segurança e ansiedade, poder e impotência, entre outros. A relação com os outros pode gratificar necessidades básicas, satisfazer valores fundamentais, cumprir tarefas de desenvolvimento, ou apenas ocupar tempo livre (Reis & Shaver, 1988). Vários estudos demonstram que casais casados ou em união de facto são geralmente mais saudáveis e têm uma menor taxa de mortalidade que pessoas divorciadas, separadas e solteiras (Strong, DeVault, & Cohen, 2008).

A investigação científica sobre os processos subjacentes às relações próximas remonta às décadas de 50 e 60 do século XX, quando investigadores ligados às áreas da psicologia social, comunicação humana e sociologia experimental, começaram a interessar-se pela interação social humana (Moreira, Amaral, & Canavarro, 2009).

Um dos componentes mais importantes de uma relação romântica é a intimidade. A intimidade é um processo interpessoal no qual duas pessoas expressam e sentem emoções, comunicam verbal e não-verbalmente, aumentam ou reduzem receios sociais, falam e aprendem sobre si próprios e as suas características e se aproximam emocionalmente mas, também, fisicamente (Reis & Shaver, 1988). A investigação feita neste campo desenrolou-se por três linhas de investigação (Reis, 2006): a primeira sobre a forma como a revelação mútua de informações pessoais contribui para o estabelecimento da relação; a segunda, relativa à comunicação não-verbal e ao modo como esta regula a intensidade da relação, sendo que nesta perspetiva a intimidade é definida como um conjunto de interações marcadas por elevados níveis de comunicação não-verbal; e a terceira, que defendia a intimidade enquanto fator descritivo do quinto estágio de desenvolvimento psicossocial² (Erikson, 1985).

A necessidade de intimidade surge pelo final da infância e início da adolescência, quando os pares são, usualmente, pessoas do mesmo género.

² O estágio de Moratória Psicossocial de Erikson, na adolescência e início da idade adulta, identifica-se pelo sentimento de crise de identidade e de confusão de papéis. Nesta fase do ciclo vital há um grande investimento na relação com os pares, nomeadamente na escola, o que leva à compreensão de modelos de liderança e de relacionamento. Embora o jovem não seja ainda um adulto procura por um lado afirmar as suas diferenças em relação aos adultos da sua vida e, por outro lado, é compelido do mundo infantil pelas diferenças biológicas, mas também pelo maior nível de abstracção psicológica. Neste sentido, surgem questões relacionadas com a sua identidade de *self* e de valor perante os outros. Assim surgem momentos de experiência de papéis daqueles nos quais o jovem se revê e, deste modo, procura a sua própria identidade (Erikson, 1985).

Percebe-se a intimidade na situação entre duas pessoas, em que há a validação das componentes gerais do nosso valor. A intimidade é, portanto, uma colaboração em que ambos revelam o seu interior e procuram e expressam aceitação e validação ao outro (Sullivan, 1953).

A responsividade dada às necessidades do outro e as ações que demonstram interesse, que validam o outro, ou que facilitam a adaptação a problemas pode ser definido como suporte social no casal (Cutrona, 1996). Tal como ocorre nas relações precoces, a responsividade é uma pedra basilar nas relações adultas. Interações frequentes em relações positivas e de longa duração são de extrema importância para o funcionamento do indivíduo (Moreira et al., 2009).

A qualidade da relação conjugal é associável à qualidade dos cuidados recebidos pelos filhos. Adicionalmente, a qualidade da relação conjugal está associada à qualidade de investimento socioemocional que é feito na criança (Conger, Ge, Elder, Lorenz, & Simons, 1994; McLoyd, Jayaratne, Ceballo, & Borquez, 1994, citado em Bradley et al., 1997). Por outro lado, quanto mais envolvidos os pais estiverem com os filhos, em comportamentos de brincadeira, compromisso e atitude positiva perante o papel parental, menor o declínio na satisfação conjugal (Knauth, 2001).

Os indivíduos numa relação conjugal apresentam-se, geralmente, mais satisfeitos na fase inicial do casamento que após dois anos. Este declínio está associado a baixos níveis de comportamentos positivos entre os cônjuges (Belsky & Rovine, 1990).

Na perspetiva da psicologia do desenvolvimento, a gravidez e a maternidade são tarefas específicas do ciclo de vida da mulher, caracterizada por desafios cuja resolução positiva leva à manutenção de um percurso adaptativo de vida (Cumming, Davies, & Campbell, 2000). Autores com uma perspetiva sistémica afirmam, contudo, que a transição para a parentalidade é uma fase de crise que leva a grandes mudanças na própria família (Relvas, 1996; Knauth, 2001; Boss, 2002). Este processo de mudança leva a alterações no funcionamento familiar que eventualmente serão permanentes. Para o casal é especialmente difícil, pois vê-se entre a satisfação do nascimento e presença do filho e o risco de afastamento e rutura, após este nascimento (Ausloos, 1996). De acordo com Canavarro (2001), a adaptação à maternidade define-se como a capacidade de cumprimento de um conjunto de tarefas desenvolvimentais, associadas à capacidade de educar uma criança, promovendo o seu próprio desenvolvimento positivo. No entanto, é consensual que a chegada de uma criança à família perturba a intimidade e a comunicação do casal e, portanto, deteriora a qualidade ou satisfação da relação (Belsky & Rovine, 1990). A presença de filhos parece afetar a relação conjugal devido à sobrecarga de tarefas domésticas e parentais e à diminuição de tempos livres e exclusivos do casal (Orbuch, House, Mero, & Webster, 1996). De acordo com Knauth (2001), nesta altura a divisão de tarefas torna-se mais tradicional, recaindo as tarefas domésticas na mulher, mesmo em

casais *dual-career*³. Deste modo, é importante tentar manter o equilíbrio conjugal, para que o investimento feito pela mulher na criança seja contrabalançado com investimento feito no casal (Knauth, 2001). O mesmo estudo indica que as expectativas frustradas relativas ao papel que o pai deve ter no cuidado com a criança e com a casa afetam negativamente a qualidade conjugal. Adicionalmente, surgem dificuldades de reaproximação emocional e física do casal (Relvas & Lourenço, 2001).

5. Interação entre a Vinculação e os mediadores emocionais

5.1. Investimento Parental

O *caregiving*, de acordo com Bowlby (1982), é o conjunto dos comportamentos parentais que compreendem tanto os cuidados físicos como afetivos prestados à criança, numa perspetiva biológica, de certo modo programado como o comportamento de vinculação. A tendência de proteção e cuidado com as crianças é sustentada pela filogénese, sendo as diferenças individuais de origem ontogénica.

De acordo com Greenberger e Goldberg (1989), o investimento parental está relacionado não só com as competências parentais, mas também com a identificação da mãe ou pai com esse papel. A investigação de Bradley et al. (1997) refere que o investimento dos pais nos seus filhos parece estar relacionado com a sua própria história de vinculação. De acordo com esta linha de pensamento, adultos com um padrão de vinculação seguro têm uma maior sensibilidade às necessidades dos seus filhos que adultos ansiosos (Gameiro, Martinho, Canavarro, & Moura-Ramos, 2007). Compreende-se, então, que a ansiedade afeta a capacidade de investimento socioemocional feito nos filhos. Ainda assim, após procura de mais referências de investigação nesta área, constata-se que poucos estudos se focam na especificidade das dimensões da vinculação adulta, relacionando-as com o investimento feito pelos pais nas crianças.

5.2. Confiança Parental

Também neste aspeto parece haver poucas publicações, i.e., relacionando as dimensões de vinculação com a confiança parental. Ainda assim compreende-se que o sentimento de confiança parental é visto como central na relação mãe/pai-criança e resulta da influência de características parentais - como a idade, a paridade, a escolaridade, a saúde mental e o apoio social percebido - e do bebé - como o seu temperamento, a existência de problemas médicos e o seu peso à nascença (Loo et al., 2006; Oswalt & Biasin, 2012; Russell, 2006; Zahr, 1991, 1993). Relativamente à vinculação parece que a confiança parental tende a aumentar à medida que diminuem os níveis de *stress* parental e a frequência de respostas parentais patológicas e a confiança parental e o grau de disfunção das práticas parentais tendem a associar-se negativamente, o que se pode explicar pela perceção que os indivíduos têm do bebé (Zahr, 1991), podendo dar origem a respostas parentais menos adaptativas.

³ Por *dual-career* entenda-se um casal em que ambos os cônjuges têm empregos a tempo inteiro.

5.3. Relação Íntima

Pouca atenção tem sido dedicada à relação conjugal como fator de influência na adaptação à parentalidade (Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2009; Relvas & Lourenço, 2001) e à forma como a relação funciona durante esta transição influencia o futuro funcionamento da família e de cada um dos seus elementos (Knauth, 2001). Belsky e Rovine (1990) defendem, contudo, que casais que se sintam satisfeitos antes da crise da tríade familiar têm uma maior probabilidade de se sentir da mesma forma depois de esta terminar. Adicionalmente, a forma como os pais gerem as suas relações com as famílias de origem e dentro do casal tem uma forte influência na qualidade das relações com os seus próprios filhos (Knauth, 2001).

Para Bradley et al. (1997) a relação conjugal é parte central do investimento socio emocional feito pelos pais no seu filho. Já antes, em 1993, Lazarus defendeu que a qualidade da relação conjugal se associa positivamente com a qualidade do investimento socioemocional dos pais no seu filho e, inclusivamente, parte dessa relação reflete a forma como os adultos lidam com a ansiedade.

II - Objetivos

Com este estudo pretende-se avaliar, numa primeira fase, as propriedades psicométricas dos instrumentos a utilizar, nomeadamente aqueles mais recentes. Numa segunda fase, é explorada a possível relação entre Vinculação (Escala de Vinculação Adulta) e Investimento Parental (Escala de Investimento Parental na Criança) e se as dimensões da Vinculação, designadamente a Ansiedade, o Conforto com a Proximidade e a Confiança explicam parte do investimento parental. Numa terceira fase, pretende-se saber se as variáveis Confiança Materna (Questionário de Confiança Parental) e Relação Íntima (*Personal Assessment of Intimate Relationships*) podem ser definidas como mediadores entre a Vinculação e o Investimento Parental.

III – Metodologia

1. Descrição da amostra

A amostra é constituída por 105 sujeitos do sexo feminino com as características descritas na Tabela 1. No essencial, destaca-se que 89,2% são casadas ou vivem em união de fato contra 6,8% que vivem sem o companheiro. O agregado familiar inclui um número médio de 3,4 + 0,9 pessoas (Tabela 1).

Tabela 1
Características sociodemográficas da amostra (N=105)

		N	%
Zona de Residência	Rural	14	13,7%
	Semirrural	7	6,9%
	Semiurbana	13	12,7%
	Urbana	68	66,7%
Idade	Média + DP	31,84 + 5,5	
	Mediana (Mínimo - Máximo)	32 (20 - 42)	
Número de anos de escolaridade	Média + DP	15,0 + 3,3	
	Mediana (Mínimo - Máximo)	16 (5 - 24)	
Situação Profissional	Empregado	75	73,5%
	Estudante	6	5,9%
	Desempregado	21	20,6%
Área Profissional	<i>White Collar</i>	49	64,5%
	<i>Blue Collar</i>	26	34,2%
Estado civil	Solteira	10	9,8%
	Casada	67	65,7%
	União de facto	24	23,5%
	Divorciada	1	1,0%
	Viúva	0	0,0%
Pessoas do agregado	Companheiro	66	64,1%
	Companheiro e outros familiares	29	28,2%
	Sem companheiro	7	6,8%
Número de pessoas no agregado familiar	Média + DP	3,4 + 0,9	
	Mediana (Mínimo - Máximo)	3 (0 - 7)	

Observa-se, adicionalmente (cf. Tabela 2; Anexo I), que 25,0% e 11,5% das mulheres tiveram respetivamente acompanhamento psicológico e psiquiátrico no passado, sendo atualmente essas proporções de 1,9% e 1,0%. Apenas 12% das inquiridas referem ter problemas médicos no presente.

2. Procedimentos de recolha de dados

A amostra do presente estudo foi recolhida via *online*. Foram excluídas mulheres com filhos com mais de 1 ano de idade, devido às especificidades de um dos instrumentos utilizados. Utilizou-se o programa Google Drive em Novembro de 2012, devido à dificuldade em encontrar mulheres da população normal disponíveis para responder ao protocolo de investigação. Foi divulgada a hiperligação para o questionário por correio eletrónico e através da difusão da hiperligação do protocolo de investigação na página do *website* português

DoBebé.com, na plataforma *Facebook*: “Mães Portuguesas”.

A primeira página do estudo consistiu num consentimento informado, para o qual era necessária autorização para responder ao protocolo de investigação. Foi disponibilizado um contacto para eventuais questões, bem como esclarecimentos sobre os objetivos do estudo e a garantia de anonimato. A primeira questão servia de confirmação para a inclusão no estudo da respondente: “é mãe de um bebé com idade até a um ano?”. Caso a resposta fosse negativa não se poderia responder ao questionário.

3. Medidas das variáveis

Do conjunto de testes selecionado para esta investigação fazem parte a Escala de Vinculação do Adulto (Canavarro, Dias, & Lima, 2006), Questionário de Confiança Parental (Nazaré, Fonseca, & Canavarro, 2011), *Personal Assessment of Intimacy in Relationships* (Moreira, Amaral, & Canavarro, 2009) e a Escala de Investimento Parental na Criança (Gameiro, Martinho, Canavarro, & Moura-Ramos, 2008).

Através da realização de gráficos *boxplot* foi possível constatar a inexistência de valores extremos.

3.1. Medida da Vinculação

3.1.1. Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

A Escala de Vinculação do Adulto - EVA (Collins & Read, 1990; versão Portuguesa: Canavarro, Dias, & Lima, 2006) é constituída por 18 itens e foi construída com o intuito de avaliar a vinculação no adulto. A versão portuguesa engloba três fatores: (1) Ansiedade: grau de ansiedade sentida pelo indivíduo, relacionada com questões interpessoais de receio de abandono ou de não ser bem querido; (2) Conforto com a Proximidade: grau em que o indivíduo se sente confortável com a proximidade e a intimidade; (3) Confiança nos Outros: grau de confiança que o sujeito tem nos outros, assim como na disponibilidade destes quando sentida como necessária. As características psicométricas da versão portuguesa deste instrumento atestam a sua utilidade e adequação, tanto na prática clínica como em contexto de investigação.

3.2. Medida do Investimento Parental

3.2.1. Escala de Investimento Parental na Criança (EIPC)

A Escala de Investimento Parental na Criança (Bradley et al., 1997) - versão portuguesa por Gameiro, Moura-Ramos e Canavarro (2006) é uma escala de autorresposta, constituída por 24 itens, tipo Likert de 4 pontos, desde 1 (“concordo fortemente”) a 4 (“discordo fortemente”), destinada a avaliar o investimento socio emocional dos pais em relação aos seus filhos. O questionário apresenta três dimensões: 1) Aceitação do Papel Parental: aceitação do filho e do papel parental,

que se reflete em escolhas consistentes por parte dos pais em agir no melhor interesse do filho; 2) Prazer: alegria e prazer que o pai experimenta com o filho, incluindo afeto e o desejo de passar tempo com a criança; 3) Conhecimento/Sensibilidade: conhecimento e sensibilidade às necessidades da criança.

3.3. Medidas das variáveis mediadoras

3.3.1. Questionário de Confiança Parental (QCP)

O Questionário de Confiança Parental (Badr, 2005; adaptado para a população portuguesa por Nazaré, Fonseca, & Canavarro, 2011) é um questionário de autorresposta que avalia a confiança nas capacidades parentais, compreendendo 13 itens, aos quais se responde com base numa escala de frequência de tipo Likert de 5 pontos (de “Nunca” a “Sempre”). O seu objetivo é avaliar a confiança das mães relativamente às suas próprias capacidades de cuidadoras, bem como a sua capacidade para reconhecer as necessidades do bebé (Badr, 2005). A versão portuguesa do instrumento organiza-se em três fatores: Conhecimento Acerca do Bebé, Prestação de Cuidados ao Bebé e Avaliação da Experiência de Parentalidade. Pontuações superiores significam uma perceção de competência mais elevada.

3.3.2. *Personal Assessment of Intimacy in Relationships (PAIR)*

O *Personal Assessment of Intimacy in Relationships* (Schaefer & Olson, 1981) foi criado para avaliar a qualidade e o tipo de relação conjugal dos sujeitos. Adaptado para a população portuguesa por Moreira, Amaral e Canavarro (2009), é um questionário de autorresposta, construído numa escala tipo Likert de 5 pontos, desde 0 (“Discordo fortemente”) a 4 (“Concordo fortemente”), que avalia o grau de intimidade numa relação diádica. É constituído por três dimensões: (1) Validação Pessoal, que engloba 14 itens e pretende avaliar aspetos de intimidade relacionados com o sentimento de validação de opiniões e sentimentos e de aceitação por parte do companheiro num conjunto de diferentes áreas, bem como com a partilha de interesses e de atividades com a proximidade emocional sentida em relação ao companheiro e com a sexualidade; (2) Comunicação, constituída por 10 itens que procuram avaliar, essencialmente, a capacidade e possibilidade de expressão de opiniões, sentimentos e desejos na relação; (3) Abertura ao Exterior, composta por 5 itens, relacionados com a abertura da díade conjugal aos outros, nomeadamente aos amigos, e à partilha de amigos comuns. Este questionário inclui também uma escala de Convencionalidade de 6 itens que avalia a desejabilidade social presente nas respostas do indivíduo.

4. Procedimentos estatísticos

Os dados obtidos através da aplicação do questionário, foram submetidos a tratamento estatístico através do programa IBM SPSS versão 21.0. O nível de significância utilizado para a avaliação dos objetivos foi de $p=.05$.

Em relação à descrição da amostra, as variáveis qualitativas são resumidas através de tabelas de frequências apresentando as suas frequências e percentagens apropriadas em cada categoria. No que respeita a variáveis quantitativas são resumidas usando a medianas, médias, mínimos, máximos e desvios padrão (DP) e são apresentadas como média \pm DP.

A análise da fidelidade das escalas e consistência interna dos fatores foram avaliadas através do alpha de Cronbach, bem como o coeficiente de correlação de Pearson para estimar a relação entre os fatores de cada escala.

Em relação aos objetivos do estudo utilizou-se a metodologia definida por Baron e Kenny (1986), em que num primeiro passo se analisou a existência de relação linear entre a escala EVA e a escala EIPC através da regressão linear múltipla, determinando-se o efeito total e, num segundo passo calculou-se a regressão múltipla da escala EVA na escala QCP ou na escala PAIR. Numa terceira fase determinou-se uma regressão múltipla da escala EVA e da escala QCP (ou PAIR) na escala EIPC para analisar se o efeito de mediação é total (a relação entre a escala EVA e a escala EIPC deixa de ser significativa na presença da escala QCP ou da escala PAIR) ou parcial (a relação entre a escala EVA e a escala EIPC continua a ser significativa na presença da escala QCP ou da escala PAIR).

IV – Apresentação e Discussão de Resultados

1. Estudo 1 – Propriedades Psicométricas dos Instrumentos

1.1. Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

Observam-se, nos valores alpha de Cronbach, correlação item-total e alpha de Cronbach se o item for retirado, que na estrutura fatorial da escala EVA (cf. Anexo II – Tabela 4) apenas o item 13, da dimensão Conforto com a proximidade, e o item 2, da dimensão Confiança nos outros, não apresentam correlações satisfatórias com os totais das subescalas. Quanto à fiabilidade, a subescala Ansiedade apresentam valor elevado de alpha de Cronbach (.826), enquanto as subescalas Conforto com a proximidade e Confiança nos outros apresentam valores de .593 e de .549, respetivamente, sendo valores inferiores ao desejável.

Em relação às correlações entre as três dimensões da escala EVA (cf. Anexo II – Tabela 5), constatou-se que a escala de Ansiedade se encontra diretamente correlacionada com a escala de Conforto com a Proximidade ($r = .205, p < .05$) e inversamente correlacionada com a escala de Confiança nos Outros ($r = -.352, p < .01$) e observa-se uma correlação positiva as escalas de Conforto com a proximidade e de Confiança nos outros ($r = .292, p < .01$).

1.2. Escala de Investimento Parental na Criança (EIPC)

A análise da estrutura relacional através da análise fatorial exploratória com extração dos fatores pelo método das componentes principais, seguida de rotação Varimax, apresentou uma estrutura de 6 fatores, com *eigenvalues* superior a 1. Como se estava igualmente perante uma estrutura completamente distinta da escala

original utilizou-se novamente análise fatorial exploratória com extração dos fatores pelo método das componentes principais, seguida de rotação Varimax, desta feita com extração de três fatores. Esta solução fatorial apresenta um valor de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) de .740 e o teste de esfericidade de Bartlett apresenta valores apropriados ($\chi^2(171) = 489,044, p < .001$). A Tabela 6 (cf. Anexo II) apresenta os três fatores e respectivos *eigenvalues*, variância explicada e alpha de Cronbach, assim como as comunalidades e os pesos fatoriais de cada item. Observa-se que os três fatores explicam 43,2% da variância explicada da escala e que os alphas de Cronbach são .742, .562 e .699 para os três fatores. Em Anexo são apresentadas as matrizes de correlações entre os itens da escala, bem como as matrizes de covariâncias e de correlações das matrizes anti-imagem.

No que respeita à estrutura original, os valores alpha de Cronbach, correlação item-total e alpha de Cronbach se o item for retirado, das dimensões da escala EIPC são apresentados na Tabela 7 (cf. Anexo II). Observa-se que os diversos itens apresentam correlações satisfatórias com os totais das subescalas. Quanto à fiabilidade, a subescala Aceitação do papel parental (.735) apresentam valores aceitáveis de fiabilidade, enquanto as subescalas Prazer (.594) e Conhecimento e sensibilidade (.688) revelam valores inferiores ao desejável. O total da escala EIPC (.769) apresenta valores de fiabilidade elevados. Face aos resultados anteriores, os fatores utilizados para a análise dos objetivos do estudo foram os originais uma vez que a estrutura fatorial definida pelos autores da escala apresentava níveis de fiabilidade e consistência interna similares aos dos dados deste estudo observando-se algumas divergências de itens em cada um dos fatores.

No que respeita às correlações entre as três dimensões originais e o total da escala EIPC (cf. Tabela 8, Anexo II), observou-se que todos os *scores* estavam correlacionados positivamente e com significância estatística.

1.3. *Personal Assessment Of Intimacy In Relationships Scale (PAIR)*

A análise da estrutura relacional através da análise fatorial exploratória com extração dos fatores pelo método das componentes principais, seguida de rotação Oblimin⁴, excluindo os itens da escala de Convencionalidade, apresentou uma estrutura de 8 fatores, com *eigenvalues* superior a 1. Como se estava perante uma estrutura completamente distinta da referida pelos autores da escala utilizou-se novamente análise fatorial exploratória com extração dos fatores pelo método das componentes principais, seguida de rotação Oblimin, excluindo os itens da escala de Convencionalidade, mas com extração de três fatores. Esta solução fatorial apresenta um Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) de .802 e o teste de esfericidade de Bartlett apresenta valores adequados ($\chi^2(435) = 1297,613, p < .001$). A Tabela 9 apresenta os três fatores e respectivos *eigenvalues*, variância explicada e alpha de Cronbach, assim como as comunalidades e os pesos fatoriais de cada item. Observa-se que os três fatores explicam 47,2% da variância explicada da escala e que alphas de Cronbach apresentam valores baixos e nalguns casos negativos. Em

⁴ O mesmo tipo de rotação utilizada pelas autoras da aferição e validação da escala para a população portuguesa (Moreira, Amaral, & Canavarro, 2009).

anexo são apresentadas as matrizes de correlações entre os itens da escala, bem como as matrizes de covariâncias e de correlações das matrizes anti-imagem.

Em relação à estrutura original proposta pelos autores da escala, a Tabela 10 apresenta os valores alpha de Cronbach, correlação item-total e alpha de Cronbach se o item for retirado, para os quatro fatores da escala PAIR. Observa-se que, excetuando o item 23 da dimensão Abertura ao exterior, os restantes itens apresentam correlações satisfatórias com os totais das subescalas. Quanto à fiabilidade das subescalas, a Validação pessoal (.874) e a Comunicação (.852) apresentam níveis elevados de fiabilidade, a subescala de Convencionalidade (.733) apresenta uma fiabilidade aceitável e a dimensão Abertura ao exterior (.542) revela valores de alpha inferiores ao desejável. Como a estrutura fatorial original apresentava níveis de fiabilidade e consistência interna melhores que a estrutura estimada com base nos dados, os fatores utilizados para a análise dos objetivos do estudo foram os originais.

No que respeita às correlações entre as quatro dimensões originais da escala PAIR (Tabela 11), observou-se que a escala de Validação pessoal se encontra inversamente correlacionada com as subescalas de Comunicação ($r = -.759, p < .01$), Abertura ao exterior ($r = -.268, p < .05$) e de Convencionalidade ($r = -.269, p < .05$). Constatou-se uma correlação positiva entre as subescalas de Comunicação e as subescalas de Abertura ao exterior ($r = .318, p < .01$) e de Convencionalidade ($r = .498, p < .01$), e uma correlação positiva, mas sem significância estatística, entre as subescalas de Abertura ao exterior e de Convencionalidade ($r = .121, p < .05$).

1.4. Questionário de Confiança Parental (QCP)

Relativamente aos valores alpha de Cronbach, correlação item-total e alpha de Cronbach se o item for retirado, de acordo com a estrutura fatorial da escala QCP (cf. Tabela 12, Anexo II) todos os itens apresentam correlações satisfatórias com os totais das subescalas. Relativamente à fiabilidade, a subescala Conhecimento acerca do bebé (.809) e a subescala Prestação de cuidados ao bebé (.879) apresentam valor elevado de alpha de Cronbach, enquanto a subescala Avaliação da experiência da parentalidade (.599) apresenta valor inferior ao desejável. O total da escala QCP (.879) apresenta valores de fiabilidade elevados.

Quanto às correlações entre as três dimensões e o total da escala QCP (cf. Tabela 13, Anexo II), constatou-se que a todos os *scores* estavam correlacionados positivamente e com significância estatística.

2. Estudo 2 - Relação entre EVA e EIPC; e mediação de PAIR e QCP

Constata-se (cf. Figura 1; Anexo III) que não existe efeito direto dos fatores da escala EVA no fator Aceitação do Papel Parental da escala EIPC com significância estatística ($p > .05$), nem efeito mediador das dimensões da escala QCP no efeito dos fatores da escala EVA no fator Aceitação do Papel Parental da

escala EIPC. Apesar das relações observadas não serem estatisticamente significativas, verifica-se uma relação negativa entre a dimensão Ansiedade e o fator Aceitação do Papel Parental, que merece ser analisada. Deste modo, compreende-se que quanto mais altos forem os valores de Ansiedade, menor serão os de Aceitação do Papel Parental. Este valor, apesar de não significativo, parece ir de encontro com investigações passadas sobre o tema (Bradley et al., 1997; Gameiro et al., 2007) que apontam o modo como ansiedade afecta negativamente o investimento parental. Gameiro et al. (2007) concluíram, especificamente, que mães com um padrão de vinculação ansioso têm maior dificuldade em aceitar o seu papel de mãe. Este tipo de traços estão associados a receios que explicam os baixos valores de aceitação do seu papel parental. Adicionalmente, existe também uma correlação positiva entre a dimensão Conforto com a Proximidade e este fator da escala EIPC, o que parece demonstrar uma situação quase oposta à referida anteriormente. Uma mulher com facilidade na aproximação de e a outras pessoas, parece ter uma maior facilidade em lidar com o seu novo papel de mãe.

Nos resultados relativos aos efeitos diretos dos fatores da escala EVA na dimensão Prazer da escala EIPC, bem como os efeitos mediadores das dimensões da escala QCP no efeito dos fatores da escala EVA no fator Prazer da escala EIPC (cf. Figura 2; Anexo III), constata-se que a dimensão Ansiedade ($\beta = 1,06; p < .05$) tem um efeito direto estatisticamente significativo no fator Prazer da escala EIPC, não se observando contudo qualquer efeito mediador das dimensões da escala QCP entre os fatores da escala EVA e o fator Prazer da escala EIPC. Assim, compreende-se que os traços de vinculação adulta ansiosa (EVA) estão positivamente relacionados com o prazer que a mãe tem na relação com o seu filho (EIPC).

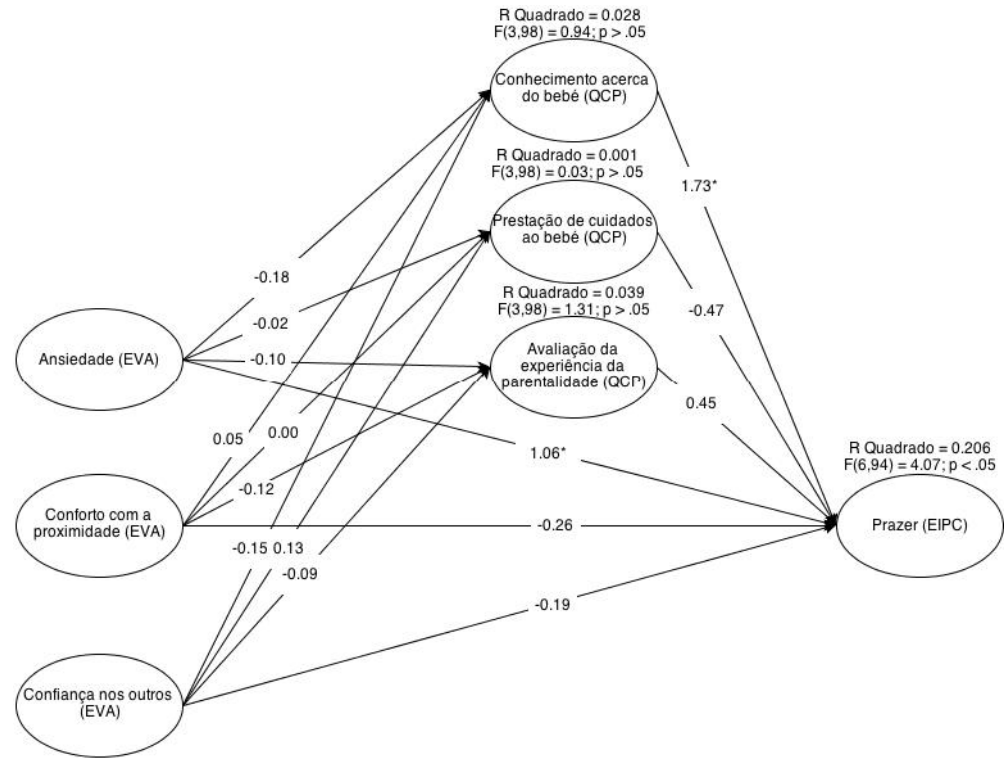


Figura 1

Efeitos diretos das dimensões da escala EVA e efeitos mediados pelas dimensões da escala QCP na dimensão Prazer da escala EIPC (p < .05; ** p < .01)*

Este não era um resultado esperado considerando outras evidências da investigação literária sobre o tema (Bradley et al., 1997; Gameiro et al., 2008; Greenberger & Goldberger, 1989). É importante mencionar que a subescala Prazer neste estudo, tal como no trabalho de adaptação à população portuguesa (Gameiro et al., 2008) é aquela que menos se relaciona com o total da escala e, também, aquela que menos se correlaciona com outros aspectos do investimento parental na criança. De acordo com Bradley et al. (1997), poderá justificar-se a especificidade desta subescala com o prazer que os pais sentem de forma inata, como uma reação emocional básica. Uma vez que o construto Ansiedade na escala EVA não significa que a pessoa viva em sofrimento por incapacidade psicopatológica, põe-se a hipótese de este fator implicar uma dimensão mais adaptativa.

De um ponto de vista biológico, pode-se perceber este resultado através da possibilidade de um certo nível de ansiedade estar relacionado com o aumento de adrenalina, o que aumenta os níveis de Prazer na relação primordial.

Adicionalmente, é possível ver este resultado, tendo em conta a relação emocional mãe-bebé. Brazelton e Cramer (1989) defendem a existência de um nível de envolvimento único entre a mãe e o seu filho. As vocalizações, sorrisos ou demonstrações afectivas do bebé e a sua capacidade para captar sinais auditivos, tácteis ou cinestésicos estão ligadas a períodos de atenção nos quais a criança dá sinais à mãe. Esta reage concomitantemente quando sabem ler as mensagens que estes sinais encerram. A reação da mãe permite-lhe aprender, dependendo do seu sucesso ou fracasso, e desta forma desenvolver um repertório de interações que

resultam ou que não resultam com o seu filho. Os mesmos autores lembram que a mãe, enquanto adulta, insere o seu filho num mundo simbólico de atribuição de significados. Assim, todo um conjunto de valores, de reforços, proibições e tonalidades emocionais da mãe contribui para modelar uma experiência, um comportamento ou um traço característico no reportório da criança. O prazer que sentem na relação com o seu filho é determinado, também, pelo conjunto de características que observam de si no bebé. Esta projecção é adaptativa, no sentido da construção da relação com o bebé e da relação do bebé real com o bebé imaginário (Soulé, 1987).

Gameiro et al. (2007) relacionam ainda a possibilidade de associações positivas com práticas parentais de suporte emocional, mas também de sobreproteção, estarem relacionadas com a hipótese de o prazer em estar com a criança pressupor um certo grau de emaranhamento na relação.

Na Figura 3 (cf. Anexo III) visualizam-se os resultados respeitantes aos efeitos diretos dos fatores da escala EVA no fator Conhecimento e Sensibilidade da escala EIPC, bem como os efeitos mediadores das dimensões da escala QCP no efeito dos fatores da escala EVA no fator Conhecimento e Sensibilidade da escala EIPC. Não se observa qualquer associação com significância estatística ($p > .05$), dos fatores da escala EVA no fator Conhecimento e Sensibilidade da escala EIPC, nem efeito mediador das dimensões da escala QCP no efeito dos fatores da escala EVA no fator Conhecimento e Sensibilidade da escala EIPC. Ainda assim verifica-se uma relação positiva na relação entre EVA e o fator Conhecimento e Sensibilidade, mediada pelo fator Conhecimento acerca do bebé. Esta associação positiva, apesar de não significativa, indica que aquilo que a mãe sente que sabe sobre como lidar com o seu filho influencia a relação entre a sua vinculação e cuidados parentais sensíveis. Este resultado é congruente com os encontrados por Gameiro et al. (2008) e parece estar associado negativamente também com ansiedade na gestão de relações de intimidade, o que também se verificou neste estudo.

Relativamente aos efeitos diretos dos fatores da escala EVA no total da EIPC e aos efeitos mediadores das dimensões da escala QCP no efeito dos fatores da escala EVA nessa escala (Figura 4), observa-se que a dimensão Conhecimento acerca do bebé ($\beta = 4,51$; $p < .05$) tem um efeito mediador estatisticamente significativo no total da escala EIPC, não se observando contudo qualquer efeito directo significativo das dimensões da escala EVA e o total da escala EIPC. Apesar disto, constata-se que a subescala Total de Investimento Parental parece estar positivamente relacionada com todas as subescalas de EVA. Também a investigação de Gameiro et al. (2008) demonstrou uma correlação positiva do total do investimento com o conforto sentido nas relações próximas.

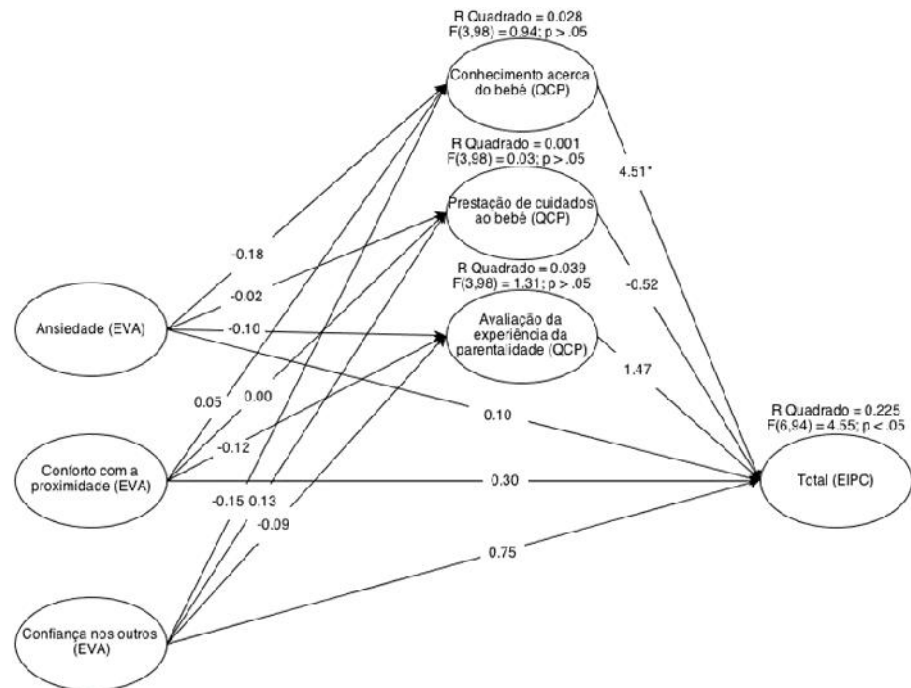


Figura 2

Efeitos diretos das dimensões da escala EVA e efeitos mediados pelas dimensões da escala QCP no total da escala EIPC (* $p < .05$; ** $p < .01$)

Relativamente à associação positiva significativa entre a dimensão mediadora Conhecimento acerca do bebê e o total da escala EIPC, este é um resultado esperado, na investigação. Este fator da escala QCP refere-se ao nível de conhecimento que mãe percebe ter acerca do seu bebê, no que toca às suas necessidades e motivações (Nazaré et al., 2011). Uma mãe que tem e sente que tem conhecimentos relevantes relativamente ao modo como cuidar do seu filho, será uma mãe que sentirá mais confiança ao cuidar do bebê, o que se concretiza, como é verificável, num maior investimento socioemocional na relação primordial (Conrad et al., 1992).

A Figura 5 apresenta os resultados relativos aos efeitos diretos dos fatores da escala EVA no fator Aceitação do Papel Parental da escala EIPC, bem como os efeitos mediadores das dimensões da escala PAIR no efeito dos fatores da escala EVA no fator Aceitação do Papel Parental da escala EIPC. Observa-se que não existe efeito direto dos fatores da escala EVA no fator Aceitação do Papel Parental da escala EIPC com significância estatística ($p > .05$), mas existe um efeito significativamente estatístico ($\beta = 0,24$; $p > .05$) na relação entre a dimensão Ansiedade da escala EVA e a dimensão mediadora Validação Pessoal da escala PAIR. Esta é uma relação baixa, apesar de estatisticamente significativa, que relaciona a ansiedade na gestão de relações de intimidade com a existência de uma relação íntima focada na validação do outro, ou seja, de opiniões e sentimentos e de aceitação por parte do companheiro.

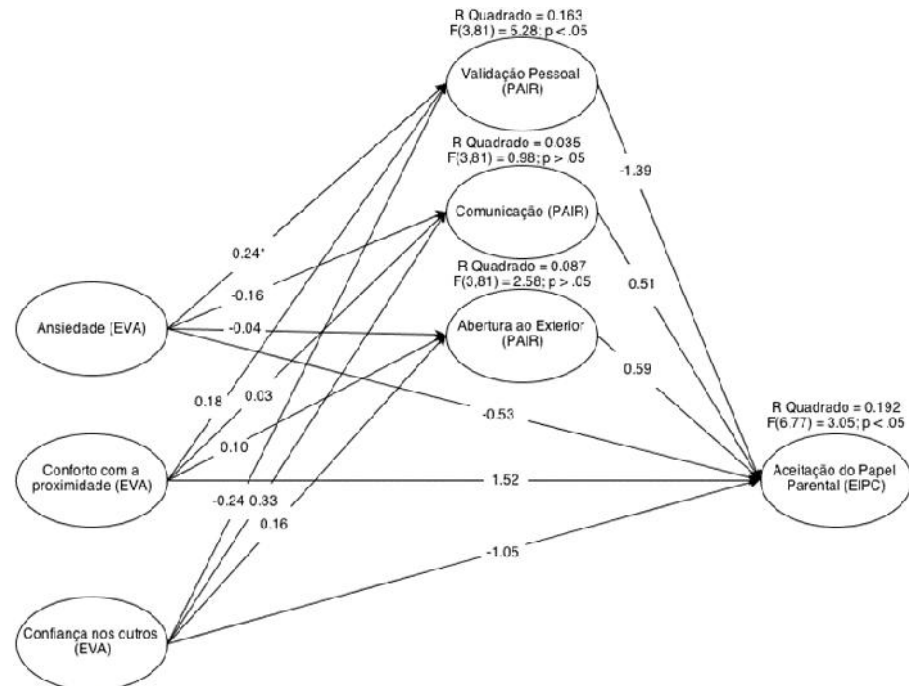


Figura 3

Efeitos diretos das dimensões da escala EVA e efeitos mediados pelas dimensões da escala PAIR na dimensão Aceitação do Papel Parental da escala EIPC (* $p < .05$; ** $p < .01$)

Este resultado pode ser compreendido através na necessidade de aceitação do outro que será maior quanto mais ansiosa ou mesmo insegura for a mãe (rnc et al., 2010). É importante lembrar que a uma pessoa com maiores dificuldades na relação com o outro, se associa um investimento mais reduzido nos seus filhos (Belsky, 1997; Gameiro et al., 2007). Ainda assim, não se observa a continuação desta relação significativa na associação entre a variável mediadora e a Aceitação do Papel Parental, da escala EIPC.

Existem outras relações entre os fatores que, apesar de neste estudo não terem significância estatística, poderão ser relevantes. É o caso da associação negativa entre o fator Validação Pessoal da escala PAIR e a Aceitação do Papel Parental da escala EIPC, na relação de mediação entre EVA e EIPC. Depreende-se desta relação que a relação entre a vinculação adulta tem um efeito mediador no sentido negativo quanto à validação pessoal existente na relação conjugal. Uma relação íntima marcada por uma forte necessidade de validação do Outro irá dificultar a aceitação do papel de mãe. Este resultado parece estar relacionado com a forte necessidade de aprovação do Outro; o que pode ser complicado numa relação em que o Outro é um bebê com idade até um ano, devido aos momentos de falta de sintonia e adesão comuns na primeira infância (Brazelton & Cramer, 1989).

Quanto ao efeito direto dos fatores da escala EVA na dimensão Prazer da escala EIPC, tendo em conta os efeitos mediadores das dimensões da escala PAIR no efeito dos fatores da escala EVA no fator Prazer da escala EIPC (cf. Figura 6; Anexo III), constata-se a não existência de fatores da EVA com efeito estatisticamente significativo ($p < .05$) no fator Prazer da escala EIPC, bem como

de efeito mediador das dimensões da escala PAIR no efeito dos fatores da escala EVA no mesmo fator da escala EIPC, para além do efeito acima mencionado [Ansiedade (EVA) – Validação Pessoal (PAIR)]. Apesar disso, observa-se uma correlação positiva na mediação da relação de EVA com o fator Prazer da escala EIPC pela subdimensão Validação Pessoal da PAIR. Apesar disso, este é um resultado que se avalia com algumas reservas devido à aparente facilidade de associação positiva da subescala Prazer (Bradley et al., 1997).

Do mesmo modo, não se observa qualquer efeito direto, com significância estatística ($p < .05$), dos fatores da escala EVA no fator Conhecimento e sensibilidade da escala EIPC, nem efeito mediador das dimensões da escala PAIR no efeito dos fatores da escala EVA no fator Conhecimento e sensibilidade da escala EIPC (cf. Figura 7; Anexo III), para além do efeito acima mencionado [Ansiedade (EVA) – Validação Pessoal (PAIR)]. A relação entre EVA e o fator Conhecimento e Sensibilidade da escala EIPC, mediada pela Abertura ao Exterior da escala PAIR, parece ter uma associação positiva, apesar não significativa. Assim, compreende-se que o conhecimento e sensibilidade para cuidar do bebé é influenciado positivamente por uma relação íntima marcada por uma abertura do casal ao exterior, nomeadamente, aos amigos e actividades conjuntas (Moreira et al., 2009). Poder-se-á inferir que a influência do contacto com os outros é positiva na sensação que a mãe tem de conhecer e saber lidar com as diferentes reacções do seu filho, como se de outra socialização se tratasse, ou seja, saber lidar com o Outro (Brazelton & Cramer, 1989).

Finalmente, quanto aos efeitos diretos dos fatores da escala EVA no total da EIPC, bem como os efeitos mediadores das dimensões da escala PAIR no efeito dos fatores da escala EVA nessa escala (Figura 4). Não se observa qualquer efeito direto, com significância estatística ($p < .05$), dos fatores da escala EVA no total da escala EIPC, nem efeito mediador das dimensões da escala PAIR no efeito dos fatores da escala EVA no total da escala EIPC. Apesar disso, é possível observar associações que aparentam ser relevantes, apesar de neste estudo não serem estatisticamente significativas. Em primeiro lugar, constata-se a existência de uma relação negativa entre a Validação Pessoal da escala PAIR e o total da escala EIPC, na mediação da relação EVA-EIPC. Assim, pode-se deduzir que num casal com uma forte componente de legitimação do Outro, a mãe irá fazer um menor investimento socioemocional no seu filho. Mais uma vez, poder-se-á relacionar isto com um maior investimento real na relação íntima, que inclui a componente de aceitação e validação de opiniões, sentimentos e atitudes (Moreira et al., 2009) o que parece prejudicar o investimento parental na criança. Em segundo lugar, pode-se observar uma associação positiva entre o fator Comunicação da escala PAIR e o total da escala EIPC, na mediação da relação entre EVA e EIPC. A subescala Comunicação avalia a capacidade e possibilidade de expressão de opiniões, sentimentos e desejos na relação íntima e é considerada pelos autores como uma de sobeja importância para determinar a qualidade da relação (Moreira et al., 2009). São várias as investigações que demonstram que uma relação conjugal baseada numa comunicação realmente íntima influencia positivamente o investimento da mãe no seu filho, ou seja, uma relação conjugal de qualidade reforça a qualidade de investimento na relação da mãe com o bebé (Belsky & Rovine, 1990; Bradley et

al., 1997; Knauth, 2001). Por último, é possível constatar a existência de uma associação positiva, ainda que não significativa, entre o fator Abertura ao Exterior da escala PAIR e o total da escala EIPC, na mediação da relação entre as escalas EVA e EIPC. Assim, uma mãe numa relação íntima com maior abertura a outras pessoas, fará um maior investimento socioemocional na relação com o seu filho. O fator Abertura ao Exterior indica a abertura da díade conjugal aos outros, nomeadamente amigos e partilha de amigos comuns (Moreira et al., 2009), o que pode significar uma maior aceitação do outro, mas também, possivelmente, maior apoio social para lidar com o nascimento e vida com o novo bebé. O apoio social influencia positivamente o total de investimento parental (Gameiro et al., 2008), logo, é possível inferir que a abertura à entrada de outras pessoas na relação íntima, seja um factor determinante para o investimento no bebé.

Conclusões

Face aos resultados, observou-se que a dimensão Ansiedade da escala EVA tem um efeito direto estatisticamente significativo no fator Prazer da escala EIPC. No entanto, e ao contrário do esperado, os resultados aqui obtidos evidenciam que as dimensões da vinculação adulta não afetam significativamente o investimento parental podendo-se, inclusivamente, concluir que a vinculação adulta não é uma condição relevante para diferenciar o tipo de investimento parental feito no filho até um ano de idade, ou que o poder estatístico disponível não foi suficiente para identificar como significativa a relação existente entre as dimensões das escalas; exceção feita à relação significativa já mencionada.

Adicionalmente, observou-se que a dimensão Conhecimento acerca do bebé da escala QCP tem um efeito estatisticamente significativo no total da escala EIPC, o que significa uma associação entre o que a mãe sabe sobre as necessidades do seu filho com o investimento socioemocional que faz na relação com ele.

Por fim, outra associação com valores significativos foi a da dimensão Ansiedade, da escala EVA, com a dimensão Validação Pessoal, da escala PAIR. Este resultado parece indicar que quanto maior ansiedade na gestão de relações de intimidade, maior será a necessidade e a construção de uma relação íntima baseada na validação do Eu.

Sendo a relação entre a mãe e o seu filho algo tão importante para o desenvolvimento humano, destaca-se a importância desta investigação, não só porque os estudos que abordam a abrangência desta temática são bastante escassos, como também pela necessidade de alargar a análise ao nível qualitativo, com o objetivo de ser possível a construção de projetos de potencialização de um maior investimento parental.

Resta apurar se terão sido características específicas da amostra que impossibilitaram a deteção da relação entre outras variáveis como significativa e, nesse caso, quais terão sido concretamente essas características.

Uma das limitações do estudo diz respeito ao facto de ser bastante escassa a literatura, não sobre a vinculação, não sobre o investimento ou a confiança e a relação íntima de forma isolada, mas sim sobre o efeito dos traços de vinculação no investimento feito pela mãe no seu filho, bem como sobre o possível efeito mediador da confiança materna e da relação com o cônjuge/companheiro, sendo deste modo difícil criar hipóteses iniciais para a investigação, que guiassem o curso e o sentido da análise feita, tendo em vista a sua confirmação ou desconfirmação.

Uma vez que poucos resultados estatisticamente significativos foram encontrados é proposto que em investigações futuras seja utilizada uma amostra de maior dimensão, de forma a verificar se os resultados obtidos poderiam mostrar-se mais representativos. Seria importante, da mesma forma, fazer uma análise da amostra em estudo antes da investigação propriamente dita, de modo a compreender a sua representatividade da população portuguesa.

Outra limitação deste estudo foi a utilização de questionários de autorresposta que, embora possuam vantagens como a simplicidade e facilidade de resposta, acarretam a desvantagem de ser difícil evitar ambiguidades interpretativas, nomeadamente a compreensibilidade dos itens, a motivação e a desejabilidade social dos sujeitos (Bifulco & Thomas, 2013). Inclusivamente, medidas de auto-resposta de memória emocional poderão ser influenciadas pelo estado emocional do momento de resposta (*idem*, 2013). Assim, para estudos futuros seria importante examinar as possíveis associações entre construtos com outro tipo de abordagem de investigação como a entrevista semiestruturada ou mesmo utilizando métodos de observação comportamental dos cuidados e investimento parentais. A possibilidade de entrevistar também os pais ou companheiros das mães, de forma a compreender melhor o seu papel no investimento no filho, parece também relevante. Desta forma poder-se-ia compreender de que modo o cônjuge se insere na relação com a mãe e na relação mãe-filho, como este sente a relação íntima com a companheira e de que forma influencia o investimento feito.

Bibliografia

- Ainsworth, M., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.J: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ausloos, G. (1996). A Competência das Famílias. Lisboa: Climepsi
- Badr, L. K. (2005). Further psychometric testing and use of The Maternal Confidence Questionnaire. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 28, 163-174. doi:10.1080/01460860500227572
- Bandura, A. (2002). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W.H. Freeman and Company
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of personality and social psychology*, 61(2), 226-44. Disponível em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1920064>
- Bayle, F. & Martinet, S. (2008). Família e parentalidade. In *Perturbações da Parentalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55(1), 83-96. Disponível em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/6705636>
- Belsky, J. (1997). Theory testing, effect-size evaluation, and differential susceptibility to rearing influence: The case of mothering and attachment. *Child Development*, 68(4), 598-600.
- Belsky, J., & Rovine, M. (1990). Patterns of Marital Change across the Transition to Parenthood : Pregnancy to Three Years Postpartum. *Journal of Marriage and the Family*, 52(1), 5-19.
- Bifulco, A., & Thomas, G. (2013). *Understanding Adult Attachment in Family Relationships* (1st ed., p. 352). Abingdon, U.K.: Routledge.
- Bion, W. (1979). *Eléments de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de FranceT.
- Boss, P. (2002). *Family stress management: A contextual approach*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1992) *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Bradley, R. H., Whiteside-Mansell, L., Brisby, J., & Caldwell, B. M. (1997). Parent's Socioemotional Investment in Children. *Journal of Marriage and the Family*, 59(1), 77-90.
- Brazelton, T. B. (1987). O bebê: Parceiro na interação. *A dinâmica do Bebê* (pp. 9-23). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (1989). *A relação mais precoce: Os pais, os bebês e a interação precoce* (5ª ed.). Lisboa: Terramar.
- Brazelton, T., Cramer, B., Kreisler, L., Schappi, R., Soulé, M. (1987). *A Dinâmica do Bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Canavarro, M. C. (1997). *Relações afectivas ao longo do ciclo de vida e saúde mental*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal.

- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental. Uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M. C. (2001). Gravidez e maternidade - Representações e tarefas de desenvolvimento. In M. C. Canavarro (Ed.), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (pp. 17–49). Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 155–186. Disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492006000100008&lng=pt&nrm=iso
- Caron, A., Lafontaine, M.-F., Bureau, J.-F., Levesque, C., & Johnson, S. (2012). Comparisons of Close Relationships: An Evaluation of Relationship Quality and Patterns of Attachment to Parents, Friends, and Romantic Partners in Young Adults. *Canadian Journal of Behavioral Science*, 44(4), 245–256.
- Cassidy, J. (1999). The Nature of Child's Ties. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment. Theory, research, and clinical applications*. London: The Guildford Press.
- Cohen, S. & Syme, S. L. (1985). Issues in the study and application of social support. In S. Cohen & S. L. Syme (Eds.), *Social Support and Health* (pp 3-22). Orlando, FL: Academic Press.
- Conroy, R., Barnett, B., & Matthey, S. (2010). Review of Scales of Parenting Confidence. *Journal of Nursing Measurement*, 18(3), 210–240. doi:10.1891/1061-3749.18.3.210
- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Campbell, S. B. (2000). *Developmental psychopathology and family process: Theory, research, and clinical implications*. New York: Guilford Press.
- Cutrona, C. E. (1996). *Social support in couples*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Erikson, E. (1985). *The life cycle completed: A review*. New York: Norton.
- Figueiredo, B. (2001). *Mães e bebés*, Edição Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia
- Figueiredo, B. (2003). Vinculação materna: Contributo para a compreensão das dimensões envolvidas no processo inicial de vinculação da mãe ao bebé. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 3, 521–539.
- Figueiredo, B., Costa, R., Pacheco, A., & Pais, A. (2007). Mother-to-infant and father-to-infant initial emotional involvement. *Early Child Development and Care*, 177(5), 521–532. doi:10.1080/03004430600577562
- Figueiredo, B., Marques, A., Costa, R., Pacheco, A., & Pais, A. (2005). Bonding: Escala para avaliar o envolvimento emocional dos pais com o bebé. *Psychologica*, 40, 133–154.
- Fox, G. L., & Bruce, C. (2001). Conditional fatherhood: Identity theory and parental investment theory as alternative sources of explanation of fathering. *Journal of Marriage and Family*, 63(2), 394–403.
- Gameiro, S., Martinho, B., & Canavarro, M. C. (2007). *Caregivers' attachment style and their socioemotional investment in the child*. Poster apresentado na International Attachment Conference, Braga, Portugal.
- Gameiro, S., Martinho, B., & Canavarro, M. C. (2008). Recordação das práticas

- educativas na infância e investimento socio emocional nos filhos. In Instituto de Estudos da Criança (Ed.), Atas do 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança: Infâncias possíveis, mundos reais (pp.). Braga: Universidade do Minho.
- Gameiro, S., Martinho, B., Canavarro, M. C., & Moura-Ramos, M. (2008). Estudos Psicométricos da Escala de Investimento Parental na Criança. *Psychologica*, 48, 77–99.
- Gameiro, S., Moura-Ramos, M., & Canavarro, M. C. (2009). Maternal adjustment to the birth of a child: Primiparity versus multiparity. *Journal of Reproductive Infant Psychology*, 27(3), 269–286. doi:10.1080/02646830802350898
- Greenberger, E. & Goldberg, W.A. (1989). Work, parenting and the socialization of children. *Developmental Psychology*, 25, 23-35. doi: 10.1037/0012-1649.25.1.22
- Hopcroft, R. L. R. L. (2005). Parental Status and Differential Investment in Sons and Daughters: Trivers-Willard Revisited. *Social Forces*, 83(3), 1111–1136. Disponível em http://muse.jhu.edu/content/crossref/journals/social_forces/v083/83.3hopcroft.html
- Johnson, A. N. (2008). Promoting Maternal Confidence in the NICU. *Journal of Pediatric Health Care*, 22(4), 254–257. doi:10.1016/j.pedhc.2007.12.012
- Justo, J. (1986). *Introdução ao estudo da organização defensiva na mulher grávida*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Kennell, J., Trause, M. & Klaus, M. (1975). Evidence for a sensitive period in the human mother. In Ciba Foundation (Ed.), *Parent-infant interaction* (pp.87-102). Amsterdam: Association Scientific Publishers.
- Klaus, M. & Kennell, J. (1976). *Maternal-infant bonding*. Saint Louis: The C. V. Mosby Company.
- Klaus, M., Kennell, J., Klaus, P. (2000). *Vínculo: Construindo as bases para um apego seguro e para a independência*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Knauth, D. G. (2001). Marital change during the transition to parenthood. *Pediatric Nursing*, 27(2), 169–184.
- Kretchmar, M. D., & Jacobvitz, D. B. (2002). Observing mother-child relationships across generations : Boundary patterns, attachment, and the transmission of caregiving. *Family Process*, 41(3), 351–371.
- Lazarus, R. S. (1993). From psychological stress to the emotions: A history of changing outlooks. *Annual Review of Psychology*, 44, 1-21.
- Lebovici, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Miljkovitch, R. (2002). A vinculação ao nível das representações. In Ed. N. Guedeney & A. Guedeney (Eds.) *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. Climepsi Editores: Lisboa.
- Moreira, H., Amaral, A., & Canavarro, M. C. (2009). Adaptação do Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR) para a população Portuguesa: Estudo das suas características psicométricas. *Psychologica*, 50, 339–359.
- Myers, D. G. (1999). Close relationships and quality of life. In D. Kahneman, E. Diener, & N. Schwartz (Eds.), *Well-being: The foundations of hedonic psychology* (pp. 374–391). New York: Sage.

- Nazaré, B., Fonseca, A. D., & Canavarro, M. C. (2011). Avaliação da confiança parental: Versão portuguesa do Maternal Confidence Questionnaire. *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação Psicológica/XV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica*. Lisboa: Formas e Contextos.
- Nazaré, B., Fonseca, A., & Canavarro, M. C. (2013). Questionário de Confiança Parental: Análise fatorial confirmatória numa amostra comunitária de casais. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15.
- O'Sullivan, G. (2010). The Relationship Between Hope, Eustress, Self-Efficacy, and Life Satisfaction Among Undergraduates. *Social Indicators Research*, 101(1), 155–172. doi:10.1007/s11205-010-9662-z
- Olafsen, K. S., Rønning, J. A., Dahl, L. B., Ulvund, S. E., Handegård, B. H., & Kaaresen, P. I. (2007). Infant responsiveness and maternal confidence in the neonatal period. *Scandinavian Journal of Psychology*, 48, 499-509. doi:10.1111/j.1467-9450.2007.00619.
- Orbuch, T. L., House, J. S., Mero, R. P., & Webster, P. S. (1996). Marital Quality Over the Life Course. *Social Psychology Quarterly*, 59(2), 162–171. Disponível em <http://www.jstor.org/discover/10.2307/2787050>
- Pires, A. (1990). Determinantes do Comportamento Parental. *Análise Psicológica*, 4(8), 445–452.
- Reis, H. T. & Shaver, P. (1988). Intimacy as an Interpersonal Process. In Duck, S.W. (Ed.). *Handbook of Personal Relationships* (pp. 367-389). Essex: John Wiley & Sons.
- Reis, H. T. (2006). Implications of Attachment Theory for Research on Intimacy. In M. Mikulincer & G. Goodman (Eds.), *Dynamics of Romantic Love: Attachment, Caregiving and Sex* (pp. 383-403). New York: The Guildford Press.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Relvas, A. P., & Lourenço, M. C. (2001). Uma Abordagem Familiar da Gravidez e da Maternidade. Perspectiva Sistémica. In M. C. Canavarro (Ed.), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (pp. 105–142). Coimbra: Quarteto Editora.
- Rutter, M. (1989). Intergenerational continuities and discontinuities in serious parenting difficulties. In *Child Maltreatment: theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect*. D. Cicchetti & V. Carlson, Eds.) New York: Cambridge University Press.
- Sá, E. (2004). *A Maternidade e o Bebê* (2ª ed.). Lisboa: Fim de Século.
- Schäppi, R. (1987). O modelo etológico da relação mãe-bebê. In *A Dinâmica do Bebê* (pp. 93-131). Porto Alegre: Artes Mágicas.
- Siddiqui, S., Hägglöf, B., & Eisenmann, M. (2000). Own memories of upbringing as a determinant of prenatal attachment in expectant women. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 18(1), 67-74.
- Soulé, M. (1987). O filho da cabeça, o filho imaginário. In *A dinâmica do bebê*. P 132-170. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Spielman, V., & Taubman-Ben-Ari, O. (2009). Parental Self-Efficacy and Stress-Related Growth in the Transition to Parenthood: A Comparison between Parents of Pre- and Full-Term Babies. *Health & Social Work*, 34(3), 201– 212.

- Strong, B., Devault, C., Cohen, T. F., & Amidon-brent, D. (2008). *The Marriage and Family Experience : Intimate Relationships in a Changing Society* (10th ed.). Thomson Wadsworth.
- Sullivan, H. S. (1953). *The Interpersonal Theory of Psychiatry*. New York: Norton.
- Surkan, P. J., Kawachi, I., Ryan, L. M., Berkman, L. F., Carvalho Vieira, L. M., & Peterson, K. E. (2008). Maternal Depressive Symptoms, Parenting Self-Efficacy, and Child Growth. *American Journal of Public Health*, 98(1), 125–132. doi:10.2105/AJPH.2006.108332
- Toppinen-Tanner, S., Kalimo, R., & Mutanen, P. (2002). The process of burnout in white-collar and blue-collar jobs: eight-year prospective study of exhaustion. *Journal of Organizational Behavior*, 23(5), 555–570. doi:10.1002/job.155
- Volling, B., Notaro, P. C., & Larsen, J. J. (1998). Adult attachment styles : Relations with emotional well-being, marriage, and parenting. *Family Relations*, 47(4), 355–367.
- Winnicott, D. W. (2000). A Preocupação Materna Primária. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 399–405). Rio de Janeiro: Imago.

Anexos

ANEXO I – Características sociodemográficas

Tabela 1

Caraterização do acompanhamento por profissionais de saúde

		N	%
Acompanhamento psicológico no passado	Não	78	75,0%
	Sim	26	25,0%
Acompanhamento psiquiátrico no passado	Não	92	88,5%
	Sim	12	11,5%
Acompanhamento psicológico no presente	Não	102	98,1%
	Sim	2	1,9%
Acompanhamento psiquiátrico no presente	Não	102	99,0%
	Sim	1	1,0%
Problemas médicos no presente	Não	92	88,5%
	Sim	12	11,5%

Tabela 3

Caracterização do parto

		N	%
Tempo de gravidez até ao parto	A termo	82	78,8%
	Prematuro	11	10,6%
	Pós-termo	11	10,6%
Tipo de parto	Eutócito	61	58,7%
	Distócito	43	41,3%
Anestesia no parto	Não	28	26,9%
	Sim	76	73,1%
Alguém assistiu ao parto?	Não	52	50,0%
	Sim	52	50,0%
Teve complicações no pós-parto?	Não	92	88,5%
	Sim	12	11,5%
O bebé nasceu saudável?	Com complicações	4	3,8%
	Saudável	100	96,2%
O bebé permaneceu junto de si logo após o nascimento?	Não	8	7,8%
	Sim	95	92,2%
Alimentou o seu bebé ao peito?	Não	9	8,7%
	Sim	94	91,3%

ANEXO II – Resultados do Estudo das Propriedades Psicométricas das Escalas

Tabela 2

Correlação item-total e Alpha se o item for retirado, por subescala (EVA)

Dimensão (Alpha de Cronbach)	Item	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
Ansiedade (.826)	EVA3	.542	.813
	EVA4	.542	.809
	EVA9	.693	.777
	EVA10	.665	.786
	EVA11	.696	.776
	EVA15	.458	.825
Conforto com a proximidade (.593)	EVA1	.388	.521
	EVA6	.275	.575
	EVA8	.397	.526
	EVA12	.609	.434
	EVA13	.065	.651
	EVA14	.319	.552
Confiança nos outros (.589)	EVA2	.049	.677
	EVA5	.209	.588
	EVA7	.418	.507
	EVA16	.570	.414
	EVA17	.330	.544
	EVA18	.484	.484

Tabela 3

Correlação entre as dimensões da escala EVA

		Ansiedade	Conforto com a proximidade	Confiança nos outros
Ansiedade	r	-		
	p			
Conforto com a proximidade	r	.205*	-	
	p	.036		
Confiança nos outros	r	-.352*	.292*	-
	p	.000	.003	

* $p < .05$

Tabela 6

Pesos fatoriais (superiores .400) e comunalidades de cada item nos três fatores, eigenvalues, variância explicada e Alpha de Cronbach da escala EIPC

	Componente			h ²
	1	2	3	
EIPC4	.716			.471
EIPC1	.667			.363
EIPC18	.624			.519
EIPC19	.619			.575
EIPC16	.583			.270
EIPC13	.571			.599
EIPC10	.510	-.416		.388
EIPC11				.288
EIPC17		.672		.434
EIPC14		.576		.543
EIPC2		.549		.264
EIPC5		.510		.392
EIPC8		.488		.368
EIPC6			.681	.402
EIPC9			.639	.491
EIPC12			.602	.367
EIPC15			.547	.517
EIPC3		.423	.478	.425
EIPC7	.436		.439	.534
<i>Eigenvalues</i>	3,35	2,46	2,40	
Variância explicada	17,6%	13,0%	12,6%	
Alpha de Cronbach	.742	.562	.699	

Tabela 7*Correlação item-total e Alpha se o item for retirado, por subescala (EIPC)*

Dimensão (Alpha de Cronbach)	Item	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
Aceitação do papel parental (.735)	EIPC1	.552	.673
	EIPC4	.597	.660
	EIPC7	.492	.696
	0 EIPC1	.420	.714
	6 EIPC1	.439	.707
	8 EIPC1	.353	.733
Prazer (.594)	EIPC2	.257	.591
	EIPC5	.356	.539
	EIPC8	.353	.545
	1 EIPC1	.277	.567
	4 EIPC1	.362	.545
	7 EIPC1	.382	.532
	9 EIPC1	.261	.572
Conhecimento sensibilidade ^e (.688)	EIPC3	.463	.633
	EIPC6	.645	.560
	EIPC9	.256	.694
	2 EIPC1	.274	.693
	3 EIPC1	.308	.680
	5 EIPC1	.564	.592

Tabela 8*Correlação entre as dimensões da escala EIPC*

	Aceitação do papel parental	Prazer	Conhecimento ^e sensibilidade	Total
Aceitação do papel parental	r	-		
Prazer	r	.211*	-	
Conhecimento e sensibilidade	r	.400***	.246*	-
Total	r	.764***	.644***	.763***

* $p < .05$ *** $p < .001$

Tabela 9

Pesos fatoriais (superiores 0.400) e comunalidades de cada item nos três fatores, eigenvalues, variância explicada e Alpha de Cronbach da escala PAIR

	Componente			h ²
	1	2	3	
PAIR13	.765			.691
PAIR25	.758			.535
PAIR19	-.717			.645
PAIR11	.705			.530
PAIR10	.698			.600
PAIR28	.688			.502
PAIR31	.646			.531
PAIR16	.611			.449
PAIR22	.607			.501
PAIR29	.583			.361
PAIR1	-.567		.405	.661
PAIR7	-.513			.541
PAIR4	-.456			.546
PAIR23	-.438			.168
PAIR5				.189
PAIR32				.222
PAIR14		.747		.586
PAIR2		-.676		.473
PAIR26		-.662		.437
PAIR8		.616		.450
PAIR20		-.500		.337
PAIR3			.768	.641
PAIR21			-.750	.715
PAIR27			.742	.529
PAIR15			.686	.445
PAIR17			.543	.541
PAIR33			-.482	.294
PAIR9			-.456	.311
PAIR34			.455	.427
PAIR35				.329
<i>Eigenvalues</i>	9,59	2,64	1,96	
Variância explicada	32,0%	8,8%	6,5%	
Alpha de Cronbach	.352	-.420	-.860	

Tabela 10*Correlação item-total e Alpha se o item for retirado, por subescala (PAIR)*

Dimensão (Alpha de Cronbach)	Item	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
Validação pessoal (.874)	PAIR8	.307	.876
	PAIR9	.417	.871
	PAIR10	.672	.858
	PAIR11	.629	.862
	PAIR13	.790	.851
	PAIR16	.648	.860
	PAIR21	.559	.865
	PAIR22	.592	.863
	PAIR25	.615	.862
	PAIR28	.485	.868
	PAIR29	.487	.868
	PAIR31	.617	.861
	PAIR32	.343	.876
PAIR33	.358	.874	
Comunicação (.852)	PAIR1	.729	.823
	PAIR3	.558	.838
	PAIR4	.621	.832
	PAIR5	.381	.854
	PAIR7	.624	.832
	PAIR15	.332	.858
	PAIR17	.674	.832
	PAIR19	.665	.828
	PAIR34	.547	.839
PAIR35	.522	.842	
Abertura ao exterior (.542)	PAIR2	.405	.437
	PAIR14	.291	.495
	PAIR20	.382	.442
	PAIR23	.045	.620
	PAIR26	.443	.386
Escala de convencionalidade (.733)	PAIR6	.547	.673
	PAIR12	.319	.739
	PAIR18	.547	.674
	PAIR24	.576	.663
	PAIR30	.522	.679
PAIR36	.329	.736	

Tabela 11
Correlação entre as dimensões da escala PAIR

		Validação pessoal	Comunicação	Abertura ao exterior	Escala de convencionalidade
Validação pessoal	r	-			
	p				
Comunicação	r	-.759*	-		
	p	.000***			
Abertura ao exterior	r	-.268*	.318*	-	
	p	.012***	.002***		
Escala de convencionalidade	r	-.269*	.498*	.121***	-
	p	.012***	.000***	.256***	

* $p < .05$

*** $p < .001$

Tabela 12
Correlação item-total e Alpha se o item for retirado, por subescala (MQP)

Dimensão (Alpha de Cronbach)	Item	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
Conhecimento acerca do bebé (.809)	QCP1	.456	.804
	QCP2	.567	.780
	QCP3	.621	.771
	QCP4	.649	.761
	QCP5	.592	.775
	QCP9	.552	.785
Prestação de cuidados ao bebé (.879)	QCP6	.788	.810
	QCP7	.782	.818
	QCP8	.739	.861
Avaliação da experiência da parentalidade (.599)	QCP10	.183	.654
	QCP11	.381	.535
	QCP12	.486	.441
	QCP13	.502	.444

Tabela 13
Correlação entre as dimensões da escala MQP

		Conhecimento acerca do bebé	Prestação de cuidados ao bebé	Avaliação da experiência da parentalidade	Total
Conhecimento acerca do bebé	r	-			
	p				
Prestação de cuidados ao bebé	r	.631***	-		
	p	.000***			
Avaliação da experiência da parentalidade	r	.640***	.529***	-	
	p	.000***	.000***		
Total	r	.922***	.802***	.833***	-
	p	.000***	.000***	.000***	

* $p < .05$

*** $p < .001$

ANEXO III – Resultados das Regressões

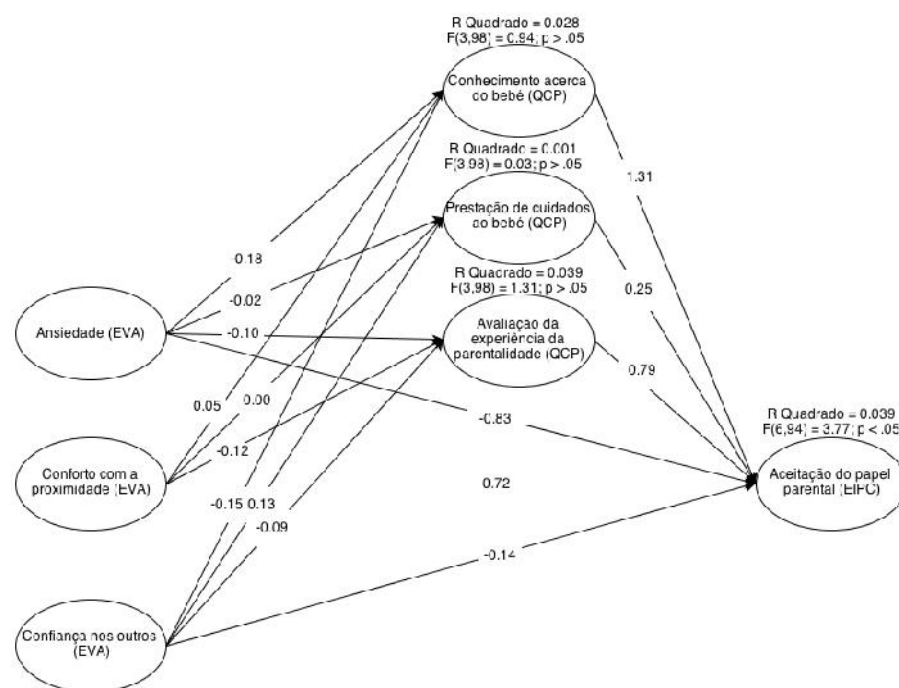


Figura 4

Efeitos diretos das dimensões da escala EVA e efeitos mediados pelas dimensões da escala QCP na dimensão Aceitação do Papel Parental da escala EIPC (* $p < .05$; ** $p < .01$)

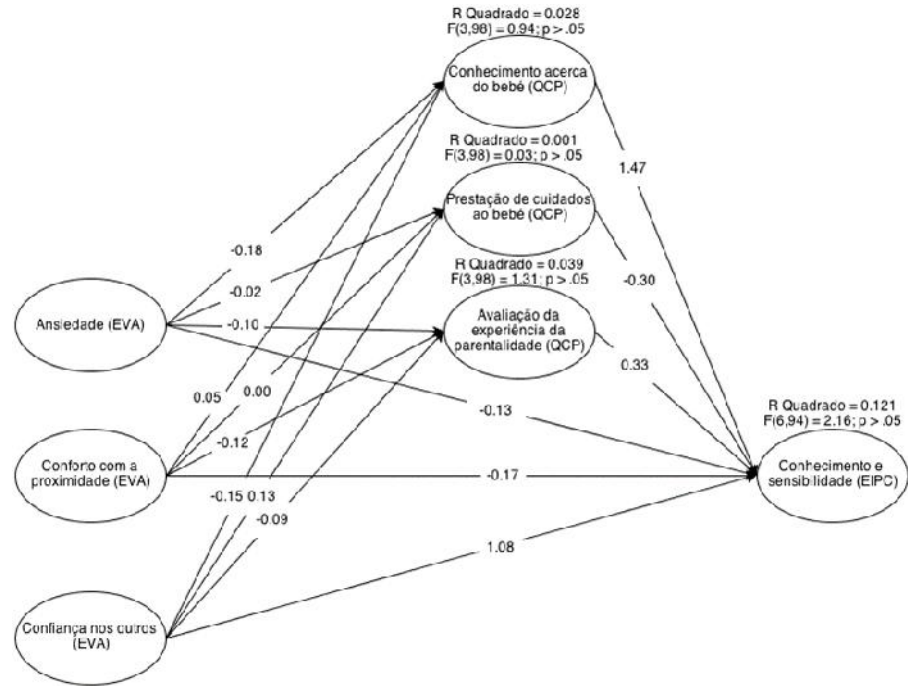


Figura 5

Efeitos diretos das dimensões da escala EVA e efeitos mediados pelas dimensões da escala QCP na dimensão Conhecimento e Sensibilidade da escala EIPC (* p < .05; ** p < .01)

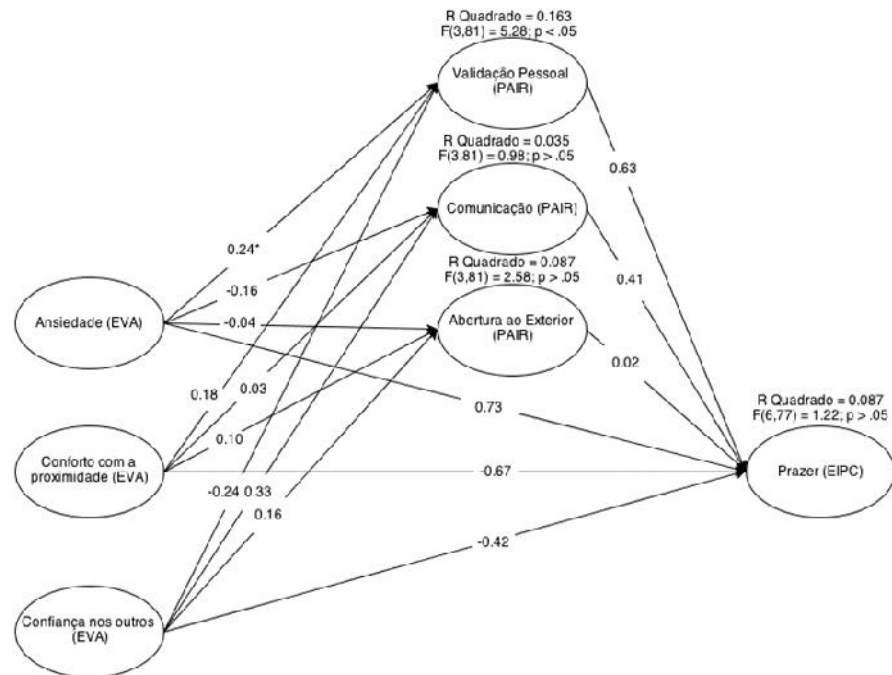


Figura 6

Efeitos diretos das dimensões da escala EVA e efeitos mediados pelas dimensões da escala QCP na dimensão Prazer da escala EIPC (* p < .05; ** p < .01)

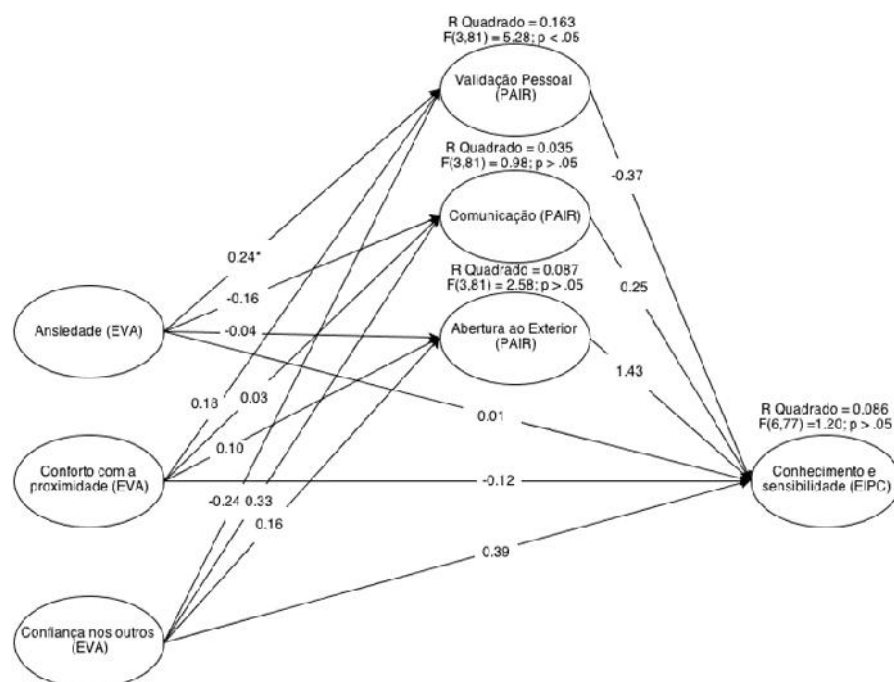


Figura 7

Efeitos diretos das dimensões da escala EVA e efeitos mediados pelas dimensões da escala PAIR na dimensão Conhecimento e Sensibilidade da escala EIPC ($p < .05$; ** $p < .01$)*

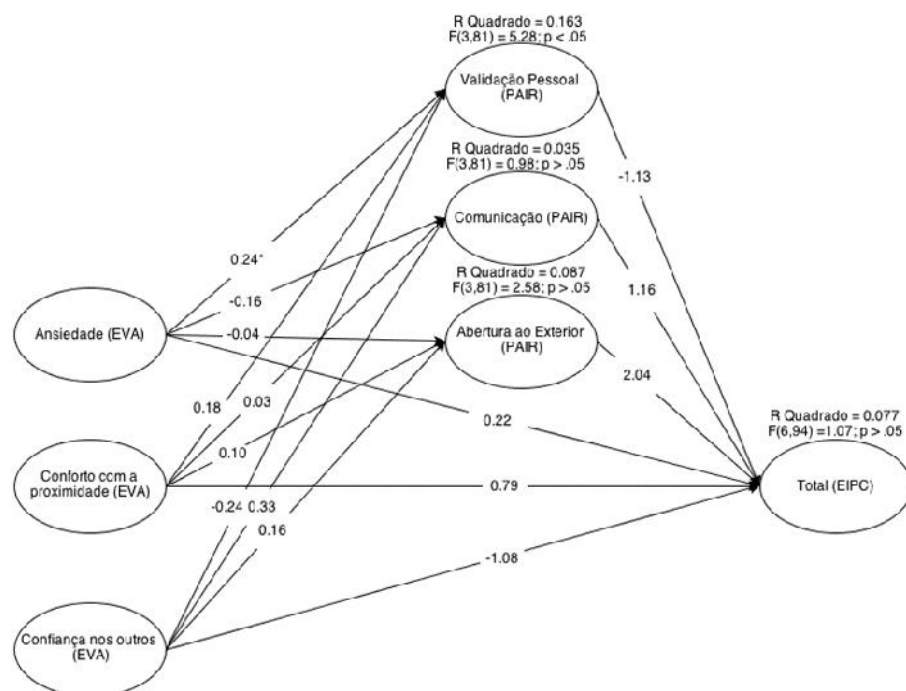


Figura 8

Efeitos diretos das dimensões da escala EVA e efeitos mediados pelas dimensões da escala PAIR não total da escala EIPC ($p < .05$; ** $p < .01$)*